

Fatos Espíritas

Observados por
William Crookes
e
outros sábios

Conteúdo resumido

Este é um dos livros científicos mais citados nas obras dos autores espíritas de renome, devido ao grande prestígio de Crookes no meio científico internacional.

Descreve com minúcias as materializações do Espírito Katie King, analisadas, controladas e comprovadas pelo eminente sábio inglês, descobridor do elemento químico tálio e o estado radiante da matéria.

Atesta a veracidade dos conceitos espíritas, comprovados por eminentes físicos, químicos, astrônomos e matemáticos, apresentando, ainda, as opiniões de vários sábios e cientistas.

Sumário

» Prefácio	5
» Introdução	6
» Fenômenos espíritas observados por William Crookes	11
Movimento de corpos pesados com contato, mas sem esforço mecânico	17
Fenômeno de percussão e outros sons da mesma natureza.....	18
Movimentos de objetos pesados colocados a certa distância do médium.....	20
Mesas e cadeiras elevadas do chão sem ninguém lhes tocar ...	20
Elevação de corpos humanos	21
Movimento de diversos objetos sem contato.....	23
Aparições luminosas	24
Aparições de mãos, luminosas por si mesmas, ou visíveis à luz ordinária.....	25
Escrita direta	27
Formas e figuras de fantasmas	28
Casos particulares parecendo indicar a ação de uma inteligência exterior	29
Manifestações diversas de caráter complexo.....	31
Teorias expostas para explicarem os fenômenos observados ..	34
» Mediunidade da Srta. Florence Cook	39
» Formas de Espíritos	43
» Última aparição de Katie King, sua fotografia com o auxílio da luz elétrica	48
» Extrato do jornal The Spiritualist de 29 de Maio de 1874.	54
» O Espírito Katie King materializa-se nas sessões do sábio Aksakof, antes de se manifestar ao Doutor William Crookes	57
» Relatório da comissão dos sábios que se reuniram em Milão, em 1892, para o estudo dos fenômenos psíquicos ...	62
_I – Fenômenos observados à luz	64
_II – Fenômenos observados na escuridão	65

III – Os fenômenos precedentemente observados, na escuridão, são obtidos, enfim, à luz, com a médium à vista	72
Conclusão	74
» Conclusões de Charles Richet	77
» Moldes dos pés de Espíritos materializados com o auxílio da parafina	80
» Espíritos de parentes de dois dos assistentes materializam-se em uma sessão do médium Eglington e são reconhecidos	84
» Narrativa sobre o fenômeno de materialização, pelo Sr. Bodisco, camarista de S. M., o Czar da Rússia	85
» Materialização de diversos Espíritos, que são reconhecidos	87
» Narração de uma experiência científica feita por Crookes e Varley, em uma das sessões de materialização do Espírito de Katie King	89
» O que dizem os sábios	96
O Sr. Alfred Russel Wallace, da Sociedade Real de Londres..	96
O Coronel De Rochas	96
O Sr. César Lombroso ao Sr. Ernesto Ciolf, Nápoles.....	97
O Sr. William Crookes, da Sociedade Real de Londres	98
O Doutor Ermácora.....	99
O Professor Myers, da Sociedade Real de Londres.....	99
O Doutor Ashburner	99
O Doutor Giuseppe Masucci	100
O Engenheiro Cromwel Varley, da Sociedade Real de Londres.....	100
O Doutor Ochorowicz.....	100
O Doutor Lodge, da Sociedade Real de Londres.....	100
O Doutor Richard Hodgson	101
» Sessão de materialização em Paris, em 1900	102
» Uma manifestação interessante	105

Prefácio

Publicando este livro temos em vista tão somente tornarem-se conhecidos aos leitores de língua portuguesa os fatos espíritas examinados rigorosamente à luz da ciência por um dos mais eminentes sábios do século – William Crookes.

Deixamos de apresentar os rigorosos processos científicos adotados pelo ilustre experimentador, porque temos certeza de que as pessoas que os desejarem conhecer irão lê-los na obra original.

Esses admiráveis fenômenos devem encher de júbilo os espiritualistas e entristecer profundamente todos quantos só acreditavam na força e na matéria.

Os fenômenos espíritas têm sido objeto de atenção dos sábios mais ilustres do mundo, tais como Crookes, Gully, Elliotson, Lodge, Challis, Morgan, Wallace, Varley, Lombroso, Zoellner, Carl du Prel, Charles Richet, Aksakof, Rochas e muitos outros.

Como vemos, são os mais distintos físicos, químicos, matemáticos, astrônomos, fisiologistas, criminalistas, etc., os homens que atestam a realidade dos fatos do Espiritismo.

E, a nosso ver, essa atestação é um golpe mortal vibrado na escola materialista.

A existência da alma, que era apresentada como um dogma de fé por todas as religiões e que a filosofia nos mostrava por palavras, é hoje, graças ao Espiritismo, uma verdade científica. Atualmente os sábios dizem que a alma existe porque a vêem e tocam, conversam com ela e lhe tiram o retrato.

A prova científica da existência da alma e da sua comunicação conosco é o legado mais brilhante que o presente século vai deixar ao vindouro.

Oscar D'Argonnel

Introdução

Antes de apresentar os fatos espíritas *observados rigorosamente à luz da ciência* por William Crookes, julgamos necessário fazer o leitor conhecer quem é esse eminente sábio, que, estudando o Espiritismo para saber de que lado se achava a verdade, se com os espiritualistas ou com os materialistas, não temeu, achando-a com os primeiros, tornar públicas as suas conclusões.

Para isso traduzimos resumidamente as seguintes palavras do Doutor Paul Gibier:¹

“Aos 20 anos, Crookes publicava interessantes memórias sobre a luz polarizada; depois, foi um dos primeiros, na Inglaterra, a estudar, com o auxílio do espectroscópio, as propriedades dos espectros solar e terrestre. Deve-se a ele sérios trabalhos sobre a medida da intensidade da luz e engenhosos instrumentos: o fotômetro de polarização e o microscópico espectral, por exemplo. Os seus escritos sobre a química geral foram muito apreciados desde o momento em que apareceram.

É ele o autor de um tratado de análises químicas (*Méthodes Choisies*), hoje clássico. Devem-se-lhe numerosas pesquisas em Astronomia e principalmente sobre a fotografia celeste. Em 1855-56, a Sociedade Real de Londres, que o admitiu no número de seus membros ativos – em primeira votação – decretou-lhe um auxílio monetário para prosseguir em seus trabalhos sobre a fotografia da Lua. O governo da Rainha o enviou ultimamente a Orara para observar um eclipse.

Acrescentamos que ele, além disso, se ocupou de medicina e de higiene, do que dão testemunho os seus trabalhos sobre a peste bovina, etc. Mas, duas descobertas têm sobretudo classificado Crookes entre os mestres da ciência moderna: o ilustre sábio era já distinto pela sua descoberta de um processo de amalgamação com o auxílio do sódio, processo que é empregado hoje na Austrália, na Califórnia e na América do Sul pela indústria metalúrgica do ouro, quando

fez conhecer um novo corpo simples metálico: o *Tálio*. Aprecia-se o valor de semelhante descoberta quando se sabe que o número de corpos simples conhecidos na série dos metais se elevava a cerca de cinqüenta. Ele foi conduzido a essa preciosa descoberta pelos seus trabalhos sobre a análise espectral. Foi assim, de fato, que foram insulados o *césio*, o *rubídio* e o *índio*.

A segunda descoberta de Crookes vem corroborar o que avançamos; queremos falar da *matéria radiante*.

A matéria aparece aos nossos sentidos sob três estados bem diferentes: sólido, líquido e gasoso. Existe, provavelmente, uma infinidade de estados da matéria, mas não conhecemos senão três. Crookes nos fez entrever um quarto.

Por uma série de experiências, feitas com rara exatidão, demonstrou ele o estado entrevisto Faraday, denominando-a *matéria radiante*.

Não queremos fazer o histórico dessas experiências tão importantes sob o ponto de vista filosófico da Química, da Física e do estudo da matéria em geral; em resumo, resulta disso que a matéria, em sua essência, deve ser *una* e que os corpos variados que caem sob os nossos sentidos imperfeitos não são senão um agrupamento, uma estrutura molecular especial da matéria, segundo a opinião do celebre químico Boutlerow, de S. Petersburgo, que, dizemo-lo incidentemente, confirmou o que pôde verificar das experiências de Crookes sobre a força psíquica.

Crookes repetiu as suas experiências sobre a matéria radiante em 1879 (setembro), no Congresso da Associação Britânica para o adiantamento das ciências, e em 1880, na Escola de Medicina de Paris e no observatório, a convite do Professor Würtz e do Almirante Mouchez.

Os efeitos produzidos pela matéria nesse estado foram os mais surpreendentes e de uma força formidável, valendo um grande êxito para Crookes.

As poucas linhas precedentes darão, segundo esperamos, uma idéia do alto valor científico do homem que não temeu enfrentar o estudo dos fenômenos espíritas.

Por isso, quando o ilustre membro da Sociedade Real anunciou no *Quartely Journal* que se ia ocupar dos fenômenos chamados espíritas, foi um grito geral: “Enfim! vamos pois saber como havemos de pensar”. Mas desde os primeiros artigos, quando se viu Crookes admitir a realidade dos fenômenos e declarar que os tinha observado, pesado, medido, registrado, etc., o caso mudou de figura. Houve, sem dúvida, grande número de pessoas que tinham o assunto como julgado; mas nem todo o mundo quis render-se e palavras de reprovação mais ou menos sinceras se fizeram ouvir. Não será esse um dos incidentes menos curiosos da história do Espiritismo.

Crookes tinha, entretanto, mostrado a maior severidade na série das suas pesquisas; mas as pessoas que se achavam desconcertadas no momento da digestão tranqüila dos seus *conhecimentos adquiridos* ficaram irritadas por ver pronunciar-se contra elas um juiz do qual tinham antecipadamente aceito as conclusões, mas com a condição, implicitamente formulada, de que seriam conformes com as suas idéias.

Ver-se-á, entretanto, que essas pesquisas foram empreendidas com espírito verdadeiramente científico:

“O espiritualista – diz Crookes – fala de corpos pesando 50 ou 100 libras, que se elevam ao ar sem a intervenção de força conhecida; mas o químico está habituado a fazer uso de uma balança sensível a um peso tão pequeno que seriam necessários 10.000 deles para perfazer um grão. Ele tem base para pedir a esse poder, que se diz guiado por uma inteligência que suspende ao teto um corpo pesado, que faça mover, sob condições determinadas, a sua balança tão delicadamente equilibrada.

“O espiritualista fala de pancadas que se produzem nas diferentes partes de um quarto, quando duas ou mais pessoas

estão tranqüilamente sentadas ao redor de uma mesa. O experimentador científico tem o direito de pedir que essas pancadas se produzam sobre a membrana esticada de seu fonautógrafo.

“O espiritualista fala de quartos e de casas sacudidas por um poder sobre-humano, mesmo até a ponto de ficarem danificadas. O homem de ciência pede simplesmente que um pêndulo colocado sob uma campânula de vidro e repousando em sólida alvenaria seja posto em vibração.

“O espiritualista fala de pesados trastes em movimento de um aposento a outro sem ação do homem. Mas o sábio construiu instrumentos que dividem uma polegada em um milhão de partes; e tem, portanto, o direito de duvidar da exatidão das observações efetuadas se a mesma força é impotente para fazer mover de um simples grau o indicador de seu instrumento.

“O espiritualista fala de flores molhadas pelo orvalho fresco, de frutos, mesmo de seres vivos, trazidos através de janelas fechadas e mesmo através de sólidas muralhas de tijolo. O investigador científico pede, naturalmente, que um peso adicional (ainda que não tenha mais que a milésima parte de um grão) seja depositado em uma das conchas da sua balança quando a caixa estiver fechada à chave. E o químico pede que se introduza a milésima parte de um grão de arsênico através das paredes de um tubo de vidro, no qual está água pura hermeticamente fechada.

“O espiritualista fala das manifestações de uma força equivalente a milhares de libras e que se produz sem causa conhecida. O homem de ciência, que crê firmemente na conservação da força e que pensa que ela nunca se produz sem um esgotamento correspondente de alguma coisa para substituí-la, pede que as ditas manifestações se produzam no seu laboratório, onde ele as poderá pesar, medir e submeter a seus próprios ensaios.”

Foi com esses sentimentos que Crookes enfrentou o estudo dos fenômenos cujo exame, no seu entender, se impunha à ciência, sem que ela pudesse protelar por mais tempo.

Logo depois de ter feito essa espécie de profissão de fé científica, o autor acrescenta, em uma nota, a observação seguinte:

“Para ser justo a esse respeito, devo estabelecer que, expondo estes intentos a vários espiritualistas eminentes e a médiuns entre os mais dignos de confiança da Inglaterra, eles manifestaram perfeita confiança nos êxitos da pesquisa, se fosse lealmente prosseguida do modo pelo qual indiquei aqui, oferecendo-se para me ajudar com todo o poder ao seu alcance e pondo à minha disposição as suas faculdades particulares. Até ao ponto aonde cheguei, posso acrescentar que as experiências preliminares têm sido satisfatórias.”

Fenômenos espíritas

**observados por
William Crookes**

**durante os anos de 1870-73 e publicados pela primeira
vez no *Quartely Journal of Science* de Janeiro de 1874**

Assim como um viajante que explora um país longínquo, cujas maravilhas não fossem até então conhecidas senão por notícias e contos de caráter vago e pouco exato, assim, desde quatro anos procedo assiduamente a pesquisas em uma região das ciências naturais que oferece ao homem de ciência um solo quase virgem.

Do mesmo modo que o viajante percebe nos fenômenos naturais de que pode ser testemunha a ação das forças governadas por leis naturais, onde outros não vêem senão a intervenção caprichosa de deuses ofendidos, assim me esforcei por esboçar a operação das leis e das forças da natureza onde outros não têm visto mais que a ação de seres sobrenaturais, sem dependência de qualquer lei e sem obediência a qualquer força senão a da sua livre vontade.

O viajante, nas suas excursões longínquas, depende inteiramente da boa vontade e da proteção dos chefes e dos que exercem a medicina no meio das tribos entre as quais pára; igualmente, nas minhas pesquisas, não somente recebi em grau assinalado o auxílio dos que possuíam os poderes especiais, que eu procurava examinar, mas ainda contraí sólidas e sérias amizades com muitos homens, reputados diretores de opinião, e deles recebi a hospitalidade.

Como o viajante envia a seu país, quando acha ocasião para isso, uma narração concisa dos seus progressos, narração que é recebida muita vezes com a incredulidade ou a zombaria, porque necessariamente essa narração não tem nenhuma ligação com tudo o que lhe pôde dar origem; também, em duas ocasiões, reuni e publiquei fatos que me pareciam admiráveis e precisos,

mas tendo deixado de descrever as suas fases preliminares – o que teria sido necessário para conduzir o espírito público à apreciação do fenômeno e para mostrar que ele se ligava a outros fatos observados –, esses fatos também não somente encontraram a incredulidade, mas ainda deram origem a muitas apreciações malévolas.

E, enfim, como o viajante que, tendo terminado as suas explorações, volta aos seus antigos colaboradores e reúne todas as suas notas, classifica-as e as põe em ordem a fim de dar ao público uma narração encadeada, assim, chegando ao termo dessa investigação, classifiquei e reuni todas as minhas observações espalhadas, para apresentá-las ao público sob a forma de um volume.

Os diversos fenômenos que venho atestar são tão extraordinários e tão inteiramente opostos aos mais enraizados pontos do credo científico – entre outros a universal e invariável ação da força de gravitação –, que mesmo agora, recordando-me dos detalhes de que fui testemunha, há antagonismo em meu espírito entre minha razão, que diz ser isso cientificamente impossível, e o testemunho de meus sentidos da vista e do tato, testemunho corroborado pelos sentidos de todas as pessoas presentes – que me dizem não serem testemunhos mentirosos, visto que eles depõem contra as minhas idéias preconcebidas.²

Supor que uma espécie de loucura ou de ilusão vem dominar subitamente um grupo de pessoas inteligentes e sensatas, que estão de acordo sobre as menores particularidades e detalhes dos fatos de que são testemunhas, parece-me mais incrível do que os próprios fatos que eles atestam.

O assunto é muito mais difícil e mais vasto do que parece.

Há cerca de quatro anos tive a intenção de consagrar um ou dois meses somente ao trabalho de certificar-me se certos fatos maravilhosos, dos quais eu tinha ouvido falar, poderiam sustentar a prova de um exame rigoroso.

Mas tendo logo chegado à mesma conclusão, como todo pesquisador imparcial, isto é, que “havia alguma coisa aí”, não podia mais, eu, estudante das leis da natureza, recusar-me a

continuar nessas pesquisas, qualquer que fosse o ponto a que elas me pudessem conduzir.

Foi assim que alguns meses se tornaram em alguns anos e, se eu pudesse dispor de todo o meu tempo, é possível que as experiências ainda prosseguissem.

Mas outros assuntos de interesse científico e prático reclamam agora a minha atenção; e como não posso consagrar a tais pesquisas o tempo que seria preciso e que mereceriam; como tenho plena confiança que daqui a alguns anos os homens de ciência estudarão esse assunto; como as ocasiões que possuo não são tão propícias quanto o era há algum tempo, porque então o Sr. D. D. Home gozava boa saúde, a Srta. Kate Fox (agora a Sra. Jencken) não estava absorvida pelas suas ocupações domésticas e maternas; por todos esses motivos, vejo-me obrigado a suspender, neste momento, as minhas investigações.

Para obter franco acesso junto às pessoas plenamente dotadas da faculdade sobre as quais se baseiam as minhas experiências, era preciso um crédito maior do que aquele de que um investigador científico pode dispor.

Para os seus adeptos mais convencidos, o Espiritismo é uma religião. Os médiuns, em muitos casos, membros da família, são guardados com grande cuidado, o que só com dificuldade um estranho compreenderia. Credo seriamente e conscienciosamente na verdade de certas doutrinas que repousam sobre o que se lhes afigura como manifestações miraculosas, esses adeptos parecem acreditar que a presença de um investigador científico é uma profanação do santuário. Por favor pessoal, fui admitido mais de uma vez a assistir a reuniões que ofereciam antes o aspecto de uma cerimônia religiosa do que de uma sessão de Espiritismo.

Mas ser admitido, por favor, uma ou duas vezes, como um estranho teria sido autorizado a assistir aos mistérios d'Elêusis, ou um pagão a contemplar o santo dos santos, não é o meio de confirmar os fatos e descobrir-lhes as leis – satisfazer a curiosidade é bem diferente do proceder a uma busca sistemática. Quanto a mim, procuro sempre a verdade.

Em algumas ocasiões me permitiram, é certo, fazer verificações e impor condições; mas somente uma ou duas vezes me foi possível fazer sair a sacerdotisa do seu santuário e, em minha própria casa, rodeado de amigos, aproveitar a ocasião de pôr à prova os fenômenos dos quais fui testemunha em outros lugares, em condições menos concludentes.³

As minhas observações a esse respeito aparecerão na obra que publicarei.

Seguindo o plano que adotei em outras circunstâncias – plano que, embora contrariando muito as idéias preconcebidas de certos críticos, me parecia, por boas razões, aceitável aos leitores do *Quartely Journal of Science* –, tinha eu a intenção de apresentar os resultados de meu trabalho sob a forma de um ou dois artigos para esse jornal. Mas, revendo as minhas notas, achei tal riqueza de fatos, tal superabundância de provas, tão esmagadora massa de testemunhos, que, para as pôr todas em ordem, era preciso encher vários números do *Quartely*.

É mister, pois, que atualmente me limite a dar um esboço dos meus trabalhos, reservando para outra ocasião as provas e os detalhes mais amplos.

O meu fim principal será, pois, fazer conhecer a série das manifestações que se produziram em minha casa, em presença de testemunhas dignas de fé e sob as condições dos mais severos exames que pude imaginar. Ademais, cada fato que observei é corroborado por pessoas independentes, que o observaram em outros tempos e em outros lugares.

Ver-se-á que todos esses fatos têm o caráter mais surpreendente e que parecem inteiramente inconciliáveis com todas as teorias conhecidas da ciência moderna.

Tendo-me assegurado da sua realidade, seria uma covardia moral negar-lhes o meu testemunho, só porque as minhas publicações precedentes foram ridicularizadas por críticos e outras pessoas que nada em absoluto conheciam do assunto e que supunham ter bastante critério para ver e julgar por si mesmas se esses fenômenos eram ou não verdadeiros.

Direi simplesmente tudo o que vi e o que me foi provado por experiências repetidas e verificadas, e *tenho ainda necessidade de que me demonstrem não ser razoável esforçar-se uma pessoa por descobrir as causas de fenômenos inexplicados.*

Primeiro que tudo devo retificar um ou dois erros que se acham implantados profundamente no espírito público. Um, o de ser a escuridão essencial à produção dos fenômenos. Isso não é exato. Exceto alguns casos nos quais a escuridão tem sido uma condição indispensável, como, por exemplo, nos fenômeno de aparições luminosas e em alguns outros, tudo o que narro produziu-se à luz..

Nos poucos casos em que os fenômenos descritos foram produzidos na escuridão, tive muito cuidado de os mencionar; ademais, quando alguma razão particular exigia a extinção da luz, os resultados que se manifestaram estiveram em condições de controle tão perfeitos que a supressão de um dos nossos sentidos não pôde realmente enfraquecer a prova fornecida.

Outro erro corrente consiste em crer que as manifestações só se podem produzir a certas horas e em certos lugares – em casa do médium, ou em horas combinadas previamente – e partindo dessa suposição errônea têm-se estabelecido uma analogia entre os fenômenos chamados espíritas e os passes dos prestidigitadores e mágicos que operam nos teatros, os quais se cercam de tudo o que pertence à sua arte.

Para fazer ver quanto tudo isso está longe de ser verdadeiro, não tenho necessidade senão de dizer que, afora algumas raras exceções, as centenas de fatos que me preparo para atestar, para serem imitados pelos meios físicos ou mecânicos conhecidos, desafiariam a habilidade de um Houdin, de um Bosco, de um Anderson, protegida por todos os recursos de máquinas engenhosas e da sua prática de longos anos. Essas centenas de fatos produziram-se na minha própria casa, nas épocas por mim designadas e em circunstâncias que excluía absolutamente o emprego e o auxílio do mais simples instrumento.

Um terceiro erro é este: que o médium deve escolher a sua roda de amigos e companheiros que podem assistir à sessão; que

esses amigos devem crer firmemente na verdade da doutrina, seja qual for, que o médium enunciar; que se imponham às pessoas de espírito investigador condições tais que impeçam completamente toda observação cuidadosa e facilitem a superstição e a fraude.

A isso posso responder afirmando que à exceção de alguns casos mui pouco numerosos de que se tratou em um parágrafo precedente (ver a nota nº 2), caso que os motivos de exclusão, quaisquer que fossem, não serviam certamente de véu para o embuste, compus eu mesmo a minha roda de amigos, introduzi todos os incrédulos que me convieram, e geralmente impus condições escolhidas com cuidado por mim mesmo, para evitar toda possibilidade de fraude.

Tendo-me assenhoreado pouco a pouco de algumas condições que facilitavam a produção dos fenômenos, as minhas pesquisas foram geralmente coroadas de igual êxito, e mesmo, em muitos casos, tive êxito superior ao que foi obtido em outras ocasiões onde, em virtude de falsas idéias sobre a importância de algumas práticas insignificantes, as condições impostas podiam tornar menos fácil a descoberta da fraude.

Eu disse que a escuridão não é essencial. Entretanto, é fato bem conhecido que, quando a força é fraca, a luz muito viva exerce uma ação que contraria alguns fenômenos.

A força do Sr. Home é bastante significativa para subjugar essa influência contrária; assim, ele não admite escuridão nas suas sessões.

Afirmo que, exceto duas vezes em que, para algumas experiências, a luz foi suprimida, tudo que testemunhei foi produzido por ele em plena claridade.

Tive diversas ocasiões de experimentar a ação da luz provinda de diferentes fontes e de cores variadas: – a luz do Sol, luz difusa, luar, gás, lâmpada, vela, luz elétrica, luz amarela, homogênea, etc.

Os raios que contrariam as manifestações parecem ser os da extremidade do espectro.

Vou, agora, proceder à classificação dos fenômenos que observei, indo dos mais simples aos mais complexos, e dando rapidamente, em cada capítulo, uma exposição sumária de alguns dos fatos que vou expor.

Os meus leitores deverão bem se lembrar que, à exceção dos casos especialmente designados, as manifestações se realizavam em minha casa, à luz, e somente em presença de amigos meus e do médium.

No volume que tenho em projeto proponho-me dar com minúcias todas as verificações que fiz, todas as precauções que tomei em cada ocasião e os nomes de todas as testemunhas. Nesta memória tratarei delas superficialmente.

Movimento de corpos pesados com contato, mas sem esforço mecânico

Eis uma das formas mais simples dos fenômenos que observei. Ela varia em grau, desde o tremor de um aposento e do seu conteúdo, até a elevação ao ar de um corpo pesado, quando a mão está colocada em cima. Pode-se objetar que, ao se tocar uma coisa que está em movimento, é possível empurrá-la, atraí-la ou levantá-la; provei, por experiência, que em casos numerosos isso não se verifica; mas, a título de provas, ligo pouca importância a esta classe de fenômenos, e só os menciono como preliminares de outros movimentos do mesmo gênero, produzidos, porém, sem contato.

Esses movimentos, posso mesmo dizer, os fenômenos da mesma natureza, são geralmente precedidos de um resfriamento do ar, todo especial, que chega, algumas vezes, a tornar-se um vento bem pronunciado. Sob a sua influência vi folhas de papel elevarem-se e o termômetro baixar de vários graus. Em outras ocasiões, das quais mais tarde darei pormenores, não notei nenhum movimento real de ar, mas o frio foi tão intenso que só posso compará-lo ao que se sente quando se tem a mão a algumas polegadas do mercúrio gelado.

Fenômeno de percussão e outros sons da mesma natureza

O nome popular de pancadas dá uma idéia muito falsa desse gênero de fenômenos.

Por diferentes vezes, durante as minhas experiências, ouvi pancadas delicadas, como produzidas pela ponta de um alfinete; uma cascata de sons penetrantes como os de qualquer máquina de indução em plena atividade; detonações no ar, ligeiros ruídos metálicos agudos; estalidos como os que se ouvem quando uma máquina de fricção está em atividade; sons que pareciam arranhadelas; gorjeios como os de um pássaro, etc.

Esses ruídos, que verifiquei com quase todos os médiuns, têm cada um sua particularidade especial.

Com o Sr. Home, são mais variados; mas, quanto à força e regularidade, não encontrei absolutamente ninguém que pudesse aproximar-se da Sra. Kate Fox.

Durante vários meses tive o prazer de, em inúmeras ocasiões, verificar os fenômenos variados que se produziam em presença dessa senhora, e foram esses ruídos que especialmente estudei.

É geralmente necessário, com os outros médiuns, para uma sessão regular, que todos fiquem sentados e em silêncio, mas com a Sra. Fox parece-lhe simplesmente necessário colocar a mão sobre qualquer parte, para que sons ruidosos aí se façam ouvir, como que triplo choque, e algumas vezes com bastante força para serem ouvidos através de vários aposentos.

Ouvi-os assim produzirem-se em uma árvore, num grande quadro de vidro, em um arame esticado, numa membrana distendida, em um tamboril, sobre a cobertura de uma carruagem e no tablado de um teatro. Ainda mais, o contato imediato nem sempre é necessário; ouvi esses ruídos saírem do soalho, das paredes, etc., quando a médium tinha as mãos e os pés ligados, quando estava em pé sobre uma cadeira, quando se achava em uma balança suspensa do teto, quando estava encerrada em uma gaiola de ferro e quando em letargia numa poltrona. Ouvi-os sobre os vidros de uma harmônica, senti-os sobre os meus

próprios ombros e sob as minhas mãos. Ouvi-os sobre uma folha de papel segura entre os meus dedos, por uma extremidade de fio passado num canto dessa folha.

Com pleno conhecimento das numerosas teorias que foram apresentadas antes, sobretudo na América, para explicar esses sons, experimentei-os de todas as maneiras que pude imaginar, até não mais ser possível furtar-me à convicção de que eram bem reais e que não se produziam pela fraude ou por meios mecânicos.

Uma questão importante impõe-se à nossa atenção: *esses movimentos e esses ruídos são governados por uma inteligência?* Desde o começo das minhas pesquisas, verifiquei que o poder que produzia esse fenômeno não era simplesmente uma força cega, mas que uma inteligência os dirigia, ou pelo menos lhes estava associada; assim os ruídos de que acabo de falar foram repetidos em número determinado; tornaram-se fortes ou fracos e, a meu pedido, ressoaram em diferentes lugares; por um vocabulário de sinais, convencionados previamente, foram respondidas perguntas e dadas comunicações com maior ou menor exatidão.

A inteligência que governa esse fenômeno é algumas vezes manifestamente inferior à do médium e está muitas vezes em oposição direta aos seus desejos. Quando se tomava a determinação de fazer alguma coisa, que não podia ser considerada muito razoável, contínuas comunicações eram dadas para induzir a refletir de novo.

Essa inteligência é, algumas vezes, de tal caráter, que nos vemos forçados a crer não provenha de nenhuma das pessoas presentes.

Eu poderia dar vários exemplos como prova dessas alegações, porém, mais tarde, quando tratar da origem dessa inteligência, o assunto será discutido mais a fundo.

Movimentos de objetos pesados colocados a certa distância do médium

Os exemplos em que os corpos pesados, tais como mesas, cadeiras, canapés, se põem todos em movimento, sem o contato do médium, são muito numerosos.

Indicarei resumidamente alguns deles, dos mais surpreendentes.

A minha própria cadeira descreveu em parte um círculo, não estando os meus pés repousados no soalho.

Sob as vistas de todos os assistentes, uma cadeira veio lentamente de um canto, distante da sala, o que todas as pessoas presentes confirmaram; em certa ocasião, uma poltrona chegou até ao lugar em que nos achávamos sentados e, a meu pedido, retrocedeu lentamente, à distância de cerca de três pés.

Durante três sessões consecutivas, uma pequena mesa moveu-se lentamente pelo meio da sala, nas condições que eu tinha expressamente preparado, a fim de responder a qualquer objeção que se pudesse levantar contra esses fatos.

Obtive, várias vezes, a repetição de uma experiência, que a comissão da Sociedade Dialética considerou como concludente, a saber: o movimento de uma pesada mesa em plena luz, quando as costas das cadeiras estavam voltadas para a mesa e as pessoas ajoelhadas em suas cadeiras, com as mãos apoiadas nas costas, e sem tocar a mesa.

Uma vez, esses fatos produziram-se durante o tempo em que eu ia e voltava, procurando ver como cada um estava colocado.

Mesas e cadeiras elevadas do chão sem ninguém lhes tocar

Quando manifestações desses gêneros são expostas, faz-se geralmente esta consideração:

“Por que são somente as mesas e as cadeiras que produzem tais efeitos?”

“Por que essa propriedade é particular aos móveis?”

Poderei responder que só faço observar e narrar os fatos e que não entro nos *porquês* – mas é claro que, se em uma sala de jantar comum, um corpo pesado, inanimado, deve elevar-se acima do soalho, não pode ser outro senão uma mesa ou uma cadeira.

Tenho numerosas provas de que essa propriedade não é particular somente aos móveis; mas, como para as outras demonstrações experimentais, a inteligência ou a força, qualquer que seja, que produz esses fenômenos, só pode servir-se dos objetos que acham apropriados ao fim.

Em cinco ocasiões diferentes, uma pesada mesa de sala de jantar elevou-se de algumas polegadas a um pé e meio acima do soalho, e em condições especiais que tornavam a fraude impossível.

Em outra ocasião, uma pesada mesa elevou-se acima do soalho, em plena luz, enquanto eu segurava os pés e as mãos do médium.

Ainda outra vez, a mesa elevou-se do solo, não somente sem que lhe tocassem, mas ainda nas condições que eu tinha previamente preparado, de maneira a pôr fora de dúvida a prova desses fatos.

Elevação de corpos humanos

Estes fatos produziram-se quatro vezes em minha presença, na escuridão.

A fiscalização sob a qual se realizaram foi inteiramente satisfatória, ao menos tanto quanto se pode julgar; mas a demonstração pela vista, de um fato igual, é tão necessária para destruírem as nossas idéias preconcebidas *sobre o que é naturalmente possível ou não*, que só mencionarei aqui os casos em que as deduções da razão foram confirmadas pelo sentido da visão.

Certa vez, vi uma cadeira, na qual uma senhora se achava sentada, elevar-se a várias polegadas do solo. Uma outra vez, para afastar toda suposição de que essa elevação era produzida pela própria senhora, ela ajoelhou-se sobre a cadeira, de tal modo que os quatro pés desta eram visíveis para nós, e a cadeira elevou-se cerca de três polegadas, ficou suspensa durante dez segundos, mais ou menos, e em seguida desceu lentamente. Uma outra vez ainda, dois meninos, em duas ocasiões diferentes, elevaram-se do chão com as suas cadeiras, em pleno dia e sob as mais satisfatórias condições, pois eu estava de joelhos e não perdia de vista os pés da cadeira, observando que ninguém podia tocá-los.

Os casos mais notáveis de elevação de que fui testemunha realizaram-se com o Sr. Home.

Em três ocasiões diferentes, vi-o elevar-se completamente acima do soalho da sala.

A primeira vez, estava ele sentado em um canapé; a segunda, de joelhos sobre uma cadeira, e a terceira, de pé.

De cada vez, tive toda a liberdade possível para observar o fato, no momento em que ele se produzia.

Há pelo menos cem casos bem verificados de elevação do Sr. Home, produzidos em presença de muitas pessoas diferentes; e ouvi mesmo da boca de três testemunhas – o conde de Dunraven, lord Lindsay e o capitão C. Wynne – a narração dos casos mais notáveis desses gêneros, acompanhados dos menores incidentes.

Rejeitar a evidência dessas manifestações equivale a rejeitar todo o testemunho humano, qualquer que seja, pois que não há fato, na história sagrada ou na profana, que se apóie sobre provas mais decisivas.

O número de testemunhas que confirmam as elevações do Sr. Home é enorme.

Seria muito para louvar que alguém, cujo testemunho fosse reconhecido como concludente pelo mundo científico (se é que existe alguém cujo testemunho em favor de semelhantes fenômenos possa ser admitido), quisesse, séria e pacientemente, estudar esse gênero de fatos.

Muitas testemunhas oculares dessas elevações vivem ainda e não recusariam, certamente, atestá-las. Mas daqui a alguns anos será muito difícil, senão impossível, obter diretamente essas provas.

Movimento de diversos objetos sem contato

Sob esse título proponho-me descrever alguns fenômenos especiais de que fui testemunha. Só posso indicar aqui alguns fatos dos mais salientes, de que todos se lembrem bem, produzidos em condições tais que qualquer artifício se tornava impossível. Atribuir esse resultados à fraude é absurdo, pois lembrarei ainda aos meus leitores que o que refiro não foi executado em casa do médium, mas em minha própria casa, onde era inteiramente impossível preparar-se antecipadamente qualquer truque.

Um médium, circulando em minha sala de jantar, não podia, estando eu sentado em outra parte da sala, com várias pessoas que o observávamos atentamente, fazer tocar, por fraude, uma harmônica, que eu segurava em minha mão, com as teclas para baixo, ou fazer flutuar essa mesma harmônica aqui e ali na sala, enquanto ela tocava durante todo o tempo.

Não podia trazer consigo um aparelho para agitar as cortinas das janelas, ou elevar as venezianas até oito pés de altura; dar nó em um lenço e colocá-lo em um canto distante da sala; vibrar notas, à distância, em um piano; projetar um porta-carta através do aposento; levantar uma garrafa e um cálice acima da mesa; fazer erguer-se um colar de coral numa das extremidades; fazer mover um leque e abanar os assistentes, ou ainda pôr em movimento um pêndulo encerrado em uma vitrina, solidamente presa à parede.

Aparições luminosas

Essas manifestações, sendo um tanto fracas, exigem, em geral, que o aposento não esteja iluminado.

Tenho apenas necessidade de lembrar aos meus leitores que, em iguais condições, tomei todas as precauções convenientes para evitar que lançassem mão de óleo fosforado ou outros meios.

Ademais, muitas dessas luzes eram de natureza tal, que não pude chegar a imitá-las por meios artificiais.

Sob as mais rigorosas condições de exame, vi uns corpos sólidos, luminosos por si mesmo, pouco mais ou menos do volume e da forma de um ovo de peru, flutuar, sem ruído, pelo meio do aposento, elevar-se, por momentos, mais alto do que poderia fazer qualquer dos assistentes que se apoiasse sobre a ponta dos pés, e depois descer, vagarosamente, para o soalho.

Esse objeto foi visível durante mais de dez minutos e, antes de desaparecer, bateu três vezes na mesa, com ruído semelhante ao de um corpo duro e sólido.

Durante esse tempo o médium estava prostrado em um canapé e parecia inteiramente insensível.

Vi pontos luminosos saltarem de um e outro lado e repousarem sobre a cabeça de diferentes pessoas; tive resposta a questões que havia formulado, por meio de clarões de luz brilhante, que se produziram diante do meu rosto, em certo número de vezes por mim prefixado.

Vi centelhas arremessarem-se da mesa ao teto e em seguida recaírem sobre a mesa com ruído muito distinguível.

Obtive uma comunicação alfabética por meio de clarões luminosos que se produziam no ar, diante de mim, e no meio dos quais eu passava a mão.

Vi uma nuvem luminosa flutuar em cima de um quadro. Sempre sob as mais rigorosas condições de exame, aconteceu-me mais de uma vez que um corpo sólido, fosforescente, cristalino,

fosse posto em minha mão por outra que não pertencia a nenhuma das pessoas presentes.

Em plena luz, vi uma nuvem luminosa pairar sobre um heliotrópio colocado em cima de uma mesa, ao nosso lado, quebrar-lhe um galho e trazê-lo a uma senhora; em algumas ocasiões, percebi uma nuvem semelhante condensar-se sob nossos olhos, tomando uma forma de mão e transportar pequenos objetos. Mas isso pertence antes à classe dos fenômenos que se seguem.

Aparições de mãos, luminosas por si mesmas, ou visíveis à luz ordinária

Sentem-se muitas vezes contatos de mãos durante as sessões às escuras, ou em condições em que não é possível vê-las. Raramente tenho visto essas mãos.

Não darei aqui exemplos em que os fenômenos são produzidos na escuridão, escolherei porém alguns dos casos numerosos em que vi essas mãos em plena luz.

Pequena mão de muito bela forma elevou-se de uma mesa da sala de jantar e deu-me uma flor; apareceu e depois desapareceu três vezes, o que me convenceu de que essa aparição era tão real quanto a minha própria mão.

Isso se passou à luz, em minha própria sala, estando os pés e as mãos do médium seguros por mim, durante esse tempo.

Em outra ocasião, uma pequena mão e um pequeno braço, iguais aos de uma criança, apareceram agitando-se sobre uma senhora que estava sentada perto de mim.

Depois, a aparição veio a mim, bateu-me no braço, e puxou várias vezes o meu paletó.

Outra vez, um indicador e um polegar foram vistos arrancando as pétalas de uma flor que estava na botoeira do Sr. Home e depositando-as diante de várias pessoas, sentadas perto dele.

Várias vezes, eu mesmo e outras pessoas observamos mão estranha comprimindo as teclas de uma harmônica, ao passo que, no mesmo momento, víamos as mãos do médium, que algumas vezes eram seguras pelas pessoas que se achavam perto dele.

As mãos e os dedos não me pareceram sempre sólidos e de pessoa viva. Algumas vezes, é preciso dizer, ofereciam antes a aparência de nuvem vaporosa, condensada em parte, sob a forma de mão.

Todos os que se achavam presentes não a percebiam igualmente bem. Por exemplo, quando se vê mover uma flor ou qualquer outro pequeno objeto, um dos assistentes notará um vapor luminoso pairar em cima; um outro descobrirá uma mão de aparência nebulosa, enquanto outros apenas verão a flor em movimento.

Vi mais de uma vez, primeiramente, um objeto mover-se, em seguida uma nuvem luminosa que parecia formar-se ao redor dele e, enfim, a nuvem condensar-se, tomar forma e transformar-se em mão, perfeitamente acabada. Nesse momento, todas as pessoas presentes podiam ver essa mão. Nem sempre ela é uma simples forma, pois algumas vezes parece perfeitamente animada e graciosa: os dedos movem-se e a carne parece ser tão humana quanto à de qualquer das pessoas presentes.

No punho e nos braços torna-se vaporosa e perde-se em uma nuvem luminosa.

Ao contato, essas mãos pareceram algumas vezes frias como o gelo e mortas; outras vezes me pareceram quentes e vivas e apertaram a minha mão com a firmeza de um velho amigo.

Retive uma dessas mãos, bem resolvido a não deixá-la escapar. Nenhuma tentativa, nenhum esforço foi feito para fazer-me largar a presa, mas pouco a pouco essa mão pareceu dissolver-se em vapor, e foi assim que ela se libertou da prisão.

Escrita direta

É esta a expressão empregada para designar a escrita que não é produzida por nenhuma das pessoas presentes.

Obtive várias vezes palavras e comunicações escritas em papel marcado com o meu sinete particular e, sob as mais rigorosas condições de controle, ouvi na escuridão o ranger do lápis a mover-se sobre o papel.

As precauções, previamente tomadas por mim, eram tão grandes que eu estava perfeitamente convencido como se houvesse visto os caracteres se formarem. Mas, como o espaço não me permite entrar em todas as minúcias, limitar-me-ei a citar os casos nos quais meus olhos, tão bem quanto meus ouvidos, foram testemunhas da operação.

O primeiro fato, que citarei, produziu-se, é certo, em uma sessão às escuras, mas o seu resultado não foi menos satisfatório.

Eu estava sentado perto da médium, a Sra. Fox; não havia outras pessoas presentes, além de minha mulher e uma senhora nossa parenta, e eu segurava as mãos da médium com uma das minhas, enquanto que seus pés estavam sobre os meus.

Diante de nós, sobre a mesa, havia papel e a minha mão livre segurava o lápis.

Mão luminosa desceu do teto da sala e, depois de ter pairado perto de mim durante alguns segundos, tomou-me o lápis, escreveu rapidamente numa folha de papel, abandonou o lápis e, em seguida, elevou-se acima das nossas cabeças, perdendo-se pouco a pouco na escuridão.

O meu segundo exemplo pode ser considerado um insucesso.

Um grande revés ensina muitas vezes mais do que a experiência mais bem sucedida.

Essa manifestação se realizou à luz, em minha própria sala, e somente em presença do Sr. Home e de alguns amigos íntimos.

Várias circunstâncias, das quais é inútil fazer a narração, me tinham mostrado que o poder do Sr. Home era muito forte essa noite. Exprimi, pois, o desejo de ser testemunha, nesse momento,

da produção de uma comunicação escrita, do modo pelo qual antes eu tinha ouvido narrar por um dos meus amigos.

Imediatamente nos deram a seguinte comunicação alfabética: “*Experimentaremos*”.

Colocamos algumas folhas de papel e um lápis no meio da mesa e, então, o lápis ergueu-se apoiando-se sobre a ponta, avançou para o papel com saltos mal seguros e caiu. Em seguida, tornou a levantar-se e a cair ainda. Uma terceira vez se esforçou, mas sem obter melhor resultado.

Depois dessas três tentativas infrutíferas, uma pequena régua, que se achava ao lado sobre a mesa, resvalou para o lápis e elevou-se a algumas polegadas acima da mesa, o lápis levantou-se de novo, apoiou-se na régua, e ambos fizeram esforço para escrever no papel. Depois de terem experimentado três vezes, a régua abandonou o lápis e voltou ao seu lugar; o lápis tornou a cair sobre o papel, e uma comunicação alfabética nos disse: “*Experimentamos satisfazer o vosso pedido, porém está acima do nosso poder*”.

Formas e figuras de fantasmas

Esses fenômenos são os mais raros de todos os de que fui testemunha. As condições necessárias à sua aparição dir-se-iam tão delicadas, e é preciso tão pouca coisa para contrariar a manifestação, que só tive raríssimas ocasiões de os ver em condições satisfatórias. Mencionarei dois desses casos.

Ao cair do dia, durante uma sessão do Sr. Home, em minha casa, vi agitarem-se as cortinas de uma janela que estava cerca de oito pés de distância do Sr. Home.

Uma forma sombria, obscura, meio transparente, semelhante a uma forma humana, foi vista por todos os assistentes, em pé, perto da janela da sacada, e essa forma agitava a cortina com a mão. Enquanto a olhávamos, desapareceu e as cortinas deixaram de se mover.

O caso que se segue é ainda mais surpreendente. Como no caso anterior, o Sr. Home era o médium. Uma forma de fantasma avançou de um canto da sala, foi tomar uma harmônica e em seguida deslizou ligeira pela sala, tocando esse instrumento. Essa forma foi visível, durante vários minutos, por todas as pessoas presentes, ao mesmo tempo em que se via também o Sr. Home. O fantasma aproximou-se de uma senhora que estava sentada a certa distância dos demais assistentes e, a um pequeno grito dessa senhora, desapareceu.

Casos particulares parecendo indicar a ação de uma inteligência exterior

Ficou já provado que esses fenômenos são governados por uma inteligência. É muito importante conhecer a fonte dessa inteligência.

É do médium, de uma das pessoas presentes que estão no aposento, ou antes essa inteligência estará fora deles? Sem querer, presentemente, pronunciar-me de modo positivo sobre esses pontos, posso dizer que, ao verificar que em muitos casos a vontade e a inteligência do médium parecem ter muita ação sobre os fenômenos, observei também vários casos que parecem mostrar, de maneira concludente, a ação de uma inteligência exterior e estranha a todas as pessoas presentes.⁴

O espaço não me permite dar aqui todos os argumentos que se podem apresentar para provar essas asserções, mas entre grande número de fatos mencionarei resumidamente um ou dois.

Em minha presença vários fenômenos se produziram ao mesmo tempo, sendo que a médium não os conhecia todos. Cheguei a ver a Sra. Fox escrever automaticamente uma comunicação para um dos assistentes, enquanto uma outra comunicação sobre outro assunto lhe era dada para uma outra pessoa por meio do alfabeto e por “pancadas”. Durante todo esse tempo a médium conversava com uma terceira pessoa, sem o menor embaraço, sobre assunto completamente diferente dos outros dois.

Caso talvez mais surpreendente é o seguinte: durante uma sessão com o Sr. Home, a pequena régua, de que já falei, atravessou a mesa para vir a mim, em plena luz, e deu-me uma comunicação, batendo-me em uma das mãos.

Eu soletrava o alfabeto e a régua batia nas letras necessárias; a outra extremidade da régua repousava na mesa, a certa distância das mãos do Sr. Home.

As pancadas eram tão claras e tão precisas e a régua estava tão evidentemente sob a influência de um poder invisível que lhe dirigia os movimentos, que eu disse:

– A inteligência que dirige os movimentos desta régua pode mudar o caráter dos seus movimentos e dar-me por meio de pancadas, em minha mão, uma comunicação telegráfica com o alfabeto Morse?”

Tenho todos os motivos para crer que o alfabeto Morse era inteiramente desconhecido das pessoas presentes e eu mesmo não o conhecia perfeitamente. Mal acabava de pronunciar aquelas palavras, o caráter das pancadas mudou; mas a comunicação continuou da maneira que eu tinha pedido. As letras foram-me dadas rapidamente, de modo que não pude apanhar senão uma ou outra palavra, e, por conseguinte, essa comunicação se perdeu; mas eu tinha visto o bastante para convencer-me de que na outra extremidade da régua havia um bom operador de Morse, qualquer que ele fosse.

Ainda outro exemplo: uma senhora escrevia automaticamente por meio da prancheta; experimentei descobrir o meio de provar que o que ela escrevia não era devido à ação inconsciente do cérebro. A prancheta, como o fazia sempre, afirmava que, ainda que fosse posta em movimento pela mão e pelo braço dessa senhora, a *inteligência* que a dirigia era a de um ser invisível, que se servia do cérebro da senhora como de um instrumento de musica, e fazia, assim, mover-lhe os músculos.

Disse eu, então, a essa inteligência:

– Vê o que há neste aposento?

– Sim – escreveu a prancheta.

– Vês este jornal e podes lê-lo? – acrescentei, colocando o dedo sobre um número do *Times* que estava em uma mesa atrás de mim, mas sem olhá-lo.

– Sim – respondeu a prancheta.

– Bem – disse eu –, se podes vê-lo, escreve a palavra que está agora coberta por meu dedo e dar-te-ei crédito.

A prancheta começou a mover-se lentamente, e com alguma dificuldade escreveu a palavra “*however*”. Voltei-me e vi que a palavra *however* estava coberta pela extremidade do meu dedo.

Quando fiz essa experiência, tinha evitado, de propósito, olhar para o jornal, sendo impossível à senhora, embora o tentasse, ver uma só das palavras impressas, porque estava assentada perto de uma mesa, além de que o jornal estava sobre outra, que se achava atrás de mim, e o meu corpo interceptava-lhe a vista.

Manifestações diversas de caráter complexo

Sob esse título me proponho fazer conhecer algumas das manifestações que, por causa do seu caráter complexo, não podem ser classificadas diferentemente. Entre mais de doze fatos, escolherei dois. O primeiro produziu-se em presença da Sra. Kate Fox e para torná-lo inteligível é preciso que entremos em alguns pormenores.

A Sra. Fox tinha-me prometido dar uma sessão em minha casa, numa noite de primavera do ano passado; enquanto eu a esperava, uma senhora nossa parenta e os meus dois filhos mais velhos, um de catorze anos e o outro de onze, achavam-se na sala de jantar, onde as sessões sempre se realizavam, e eu mesmo me achava só na minha biblioteca, ocupado em escrever. Ouvindo uma carruagem parar e a campainha tocar, abri a porta à Sra. Fox, e conduzi-a logo para a sala de jantar, porque me disse ela que, não podendo demorar-se muito, não subiria; colocaram numa cadeira o seu chapéu e o xale. Dirigindo-me então para a porta da sala de jantar, mandei que meus dois filhos fossem para a biblioteca estudar as suas lições; fechei a porta, dei volta à

chave e, conforme meu hábito durante as sessões, meti a chave no bolso.

Sentamo-nos. A Sra. Fox ficou à minha direita e a outra senhora à esquerda. Recebemos logo uma comunicação alfabética convidando-nos a apagar o gás; apagamo-lo, ficando em escuridão completa e durante a qual mantive, em uma das minhas, as mãos da Sra. Fox. Quase no mesmo instante uma comunicação nos foi dada nestes termos: “*Vamos produzir um fenômeno que vos dará a prova do nosso poder*” e, quase imediatamente depois, ouvimos todos o tilintar de uma campainha, não estacionária, mas que ia e vinha de todos os lados, na sala: ora perto da parede, ora outra vez em um canto distante; ora me tocava na cabeça, em seguida batia no soalho; depois de ter assim soado, na sala, durante pelo menos cinco minutos, a campainha caiu sobre a mesa, muito perto das minhas mãos.

Enquanto durou o fenômeno, ninguém se moveu e as mãos da Sra. Fox ficaram perfeitamente imóveis. Eu pensava que não podia ser a minha campainha que tocava, pois a tinha deixado em minha biblioteca. (Pouco tempo antes da chegada da Sra. Fox, tive necessidade de um livro, que se achava no canto de uma prateleira; a campainha estava sobre o livro e eu a tinha posto de lado para poder retirá-lo. Esse pequeno incidente me assegurava que a campainha estava na biblioteca). O gás iluminava vivamente o corredor para o qual dava a porta da sala de jantar, de tal maneira que essa porta não podia abrir-se sem deixar a luz penetrar na sala onde nos achávamos; ademais, para abri-la, havia só uma chave e eu a tinha no bolso.

Acendi uma vela.

Não havia dúvida; era realmente uma campainha que estava sobre a mesa, diante de mim. Fui direto à biblioteca; de um relance vi que a campainha não estava mais onde devia achar-se.

Perguntei, então, a meu filho mais velho:

– Sabes onde está minha campainha?

– Sim, papai, ei-la: – respondeu-me e apontava o lugar onde eu a tinha deixado. Pronunciando essas palavras, ele levantou os olhos e continuou assim:

– Não, ela não está ali, mas estava há bem pouco tempo.

– Que queres dizer? Que alguém veio buscá-la?

– Não – disse ele –, ninguém entrou; mas tenho certeza de que ela estava ali, porque logo que nos fizestes sair da sala de jantar, a fim de irmos para aqui, J... (o mais moço de meus filhos) começou a tocá-la com tanta força que eu não podia estudar minhas lições, e lhe disse que parasse.

J... confirmou essas palavras e acrescentou que depois de ter tocado a campainha a tinha colocado no mesmo lugar.

O segundo caso, que vou narrar, verificou-se à luz, em um domingo à noite, em presença do Sr. Home e de alguns membros de minha família, somente. Minha mulher e eu tínhamos passado o dia no campo e trouxemos de lá algumas flores que havíamos colhido. Chegando à casa, entregamo-las à criada para pô-las na água. O Sr. Home chegou logo depois e todos nos dirigimos para a sala de jantar. Quando nos sentamos, a criada trouxe as flores que tinha posto em um vaso; coloquei-as no meio da mesa, cuja toalha tinha sido retirada: era a primeira vez que o Sr. Home via essas flores.

Depois de obtidas muitas manifestações, a conversa veio cair sobre certos fatos que pareciam não se poderem explicar senão admitindo que a matéria podia realmente passar através de uma substância sólida. A esses propósitos a comunicação que se segue nos foi dada alfabeticamente: *“É impossível a matéria passar através da matéria, mas vamos mostrar o que podemos fazer.”*

Esperamos em silêncio; uma aparição luminosa foi logo vista pairando sobre o ramalhete de flores; depois, à vista de todos, uma haste de erva da China, de 15 polegadas de comprimento, que ornamentava o centro do ramalhete, elevou-se lentamente do meio das outras flores e, em seguida, desceu à mesa defronte do vaso, entre este e o Sr. Home; chegando à mesa, essa haste não

se demorou, mas atravessou-a em linha reta, e todos a vimos muito bem até passar por completo.

Logo depois da desapareição da erva, minha mulher, que estava sentada ao lado do Sr. Home, viu, entre ela e ele, mão estranha que vinha de debaixo da mesa e que segurava a haste da erva com a qual lhe bateu duas ou três vezes sobre os ombros, com um ruído que todos ouviram; depois depositou a erva no soalho e desapareceu. Só duas pessoas viram a mão, porém todos os assistentes perceberam o movimento da erva. Enquanto isso se passava, podiam todos ver as mãos do Sr. Home colocadas tranqüilamente sobre a mesa, que estava diante dele. O lugar em que a erva desapareceu ficava a 18 polegadas daquele em que estavam as suas mãos; a mesa era uma das de sala de jantar, com molas, abrindo-se por meio de um parafuso: não era elástica e a reunião das duas partes formava uma estreita fenda no meio; foi através dessa fenda que a erva passara; medi-a e achei que tinha apenas 1/8 de polegada de largura. A haste da erva era demasiadamente grossa para que pudesse passar através da fenda sem se quebrar; entretanto todos a tínhamos visto passar por ali, sem dificuldade, docemente, e examinando-a em seguida, vimos que ela não oferecia a mais ligeira marca de pressão ou de arranhão.

Teorias expostas para explicarem os fenômenos observados

Primeira teoria – Os fenômenos são todos resultantes de fraudes, de hábeis disposições mecânicas ou de prestidigitação; os médiuns são impostores e os assistentes são imbecis.

É evidente que essa teoria não pode explicar senão muito pequeno número de fatos observados. Admito de boa vontade que, entre os médiuns que têm aparecido diante do público, existam muitos impostores consumados, que se aproveitam do gosto do público para as sessões espíritas, a fim de encher a bolsa de dinheiro, ganho sem dificuldade; que haja outros que, não tendo para enganar nenhum interesse pecuniário, sejam

levados à fraude pelo único desejo, parece, de adquirir notoriedade.

Achei-me em presença de vários desses embustes: alguns eram muito engenhosos; outros eram tão grosseiros que não há uma pessoa testemunha de fenômenos reais que se deixasse enganar.

Um investigador desses gêneros de fatos, que no começo de suas pesquisas encontra uma dessas burlas, desgosta-se e é natural que, ou em particular ou pela voz da imprensa, emita suas opiniões, e englobe na mesma condenação toda espécie de “médiuns”.

Com um médium verdadeiro acontece que os primeiros fenômenos que se observam parecem geralmente provenientes de ligeiros movimentos da mesa e de fracas pancadas sob os pés ou as mãos do médium; esses efeitos, concordo, são muito fáceis de imitar pelo médium ou por qualquer outra pessoa sentada à mesa. Se, como acontece algumas vezes, não se produz nada, o observador céptico retira-se firmemente convencido de que, já tendo com a sua penetração sem igual descoberto que o médium enganava, este tem receio de praticar outras fraudes em sua presença.

Escreverá, pois, aos jornais; explicará a fraude e, provavelmente, expandir-se-á em sentimentos de comiseração à vista do triste espetáculo de pessoas que, inteligentes em aparência, se deixam levar pelo erro que ele descobriu ao primeiro golpe de vista.

Há enorme diferença entre as sortes de um escamoteador de profissão que, cercado de aparelhos, auxiliado por certo número de pessoas ocultas e de comparsas, iludem pela destreza e ligeireza de mãos, em seu próprio teatro, e os fenômenos que se produzem em presença do Sr. Home, em plena luz, num aposento particular que, até ao começo da sessão, foi ocupado sem interrupção por mim e por meus amigos, que não somente não teriam favorecido a menor fraude, mas ainda observavam a distância tudo o que se passava. Ainda mais: o Sr. Home foi muitas vezes examinado antes e depois das sessões, a seu próprio

pedido. Durante as manifestações mais notáveis eu lhe segurava por vezes as mãos e colocava os meus pés sobre os seus; não propus uma só vez modificar as disposições para tornar a fraude menos possível, sem que ele não consentisse imediatamente e, muitas vezes mesmo, chamou a atenção para os meios de controle que se podiam empregar.

Falo sobretudo do Sr. Home, porque tem muito mais força que os outros médiuns com os quais fiz experiências; mas com todos tomei precauções suficientes para que a fraude fosse riscada da lista das explicações possíveis.

Que se não esqueça que uma explicação, para ser admissível, deve satisfazer a todas as condições do problema; não é lógico, pois, que uma pessoa, que talvez só tenha visto alguns fenômenos inferiores, diga: “suponho que tudo isso é burla”, ou mais: “tenho visto como essas peloticas podem ser executadas”.

Segunda teoria – As pessoas que assistem a uma sessão são vítimas de uma espécie de loucura ou de ilusão e se persuadem de que se produzem fenômenos que não existem realmente.

Terceira teoria – Tudo isso é o resultado da ação consciente e inconsciente do cérebro.

Estas duas teorias só podem evidentemente abraçar uma muito pequena parte dos fenômenos e elas mesmas não os explicam senão de maneira improvável: elas podem ser refutadas em poucas palavras.

Chego agora às teorias “espirituais”. É preciso lembrar que a palavra *espírito* é empregada em um sentido muito vago pelo maior número de pessoas.

Quarta teoria – Os fenômenos produzidos são resultantes do espírito do médium, que se associa talvez ao espírito de todas as pessoas presentes ou de algumas somente.

Quinta teoria – São devidos à ação dos maus espíritos, ou demônios, que se manifestam como querem e da maneira como lhes apraz, a fim de destruírem o Cristianismo e de perderem as almas dos homens.

Sexta teoria – São produzidos por certa classe de seres que vivem na Terra, mas imateriais, invisíveis aos nossos olhos, e

todavia capazes, em certos casos, de manifestarem a sua presença. Em todos os países e em todas as épocas, têm sido conhecidos sob o nome de gênios (o que não quer dizer que sejam necessariamente maus), gnomos, fadas, duendes, diabretes, anões, etc.

Sétima teoria – As manifestações são devidas à intervenção dos mortos: é a teoria espiritual por excelência.

Oitava teoria – A da força psíquica que é antes um complemento das teorias 4, 5, 6 e 7 do que uma teoria por si mesma.

Segundo ela, supõe-se que o médium ou o círculo das pessoas reunidas para formar um todo, possui uma força, um poder, uma influência, uma virtude ou um dom, por meio dos quais seres inteligentes podem produzir os fenômenos observados. Quanto ao que podem ser esses seres inteligentes, é matéria para outras teorias.

O que há de certo é que um *médium* possui uma *qualquer coisa* que um ser comum não possui. Dai um nome a essa qualquer coisa; chamai-lhe X, se quiserdes, embora o Sr. Serjeant Cox a denomine *força psíquica*. Esses assuntos têm sido tão mal compreendidos que julgo acertado dar a explicação seguinte, servindo-me das próprias palavras do Sr. Serjeant Cox:

A teoria da *força psíquica* nada mais é do que a simples verificação do fato quase indiscutível atualmente: o de que, em certas condições, ainda imperfeitamente fixadas e a certa distância ainda indeterminada, promana do corpo de certas pessoas, dotadas de uma organização nervosa especial, uma força que, sem o contato dos músculos ou do que a eles se ligue, exerce uma ação à distância, produz visivelmente o movimento de corpos sólidos e neles faz vibrar sons. Como a presença de uma tal organização é necessária à produção dos fenômenos, é razoável concluir que essa força procede desta organização por um meio ainda desconhecido. Assim como o próprio organismo é movido e dirigido interiormente por uma força que é a alma, ou é governado pela Alma, Espírito ou Inteligência (dai-lhe o nome que quiserdes) que constitui o ser individual a que chamamos

homem; também é razoável concluir que a força que produz o movimento, além dos limites do corpo, é a mesma que o executa dentro dos seus limites. E, assim como se vêem muitas vezes a força exterior dirigida por uma inteligência, também é razoável concluir que a inteligência que dirige a força exterior é a mesma que a governa interiormente. É a essa força que dei o nome de *força psíquica*, porque esse nome define bem a energia que, em minha opinião, tem sua fonte na Alma ou Inteligência do homem.

Quase inteiramente de acordo com aqueles que adotam esta teoria da *força psíquica*, como sendo o agente pelo qual os fenômenos se produzem, eu não pretendo afirmar que tal força não possa ser algumas vezes captada e dirigida por alguma outra Inteligência que não seja a da *força psíquica*.

Os mais fervorosos espiritualistas admitem em realidade a existência da *força psíquica* sob o nome de todo impróprio de magnetismo, com o qual ela não tem a menor relação, pois eles afirmam que os espíritos dos mortos não podem executar os atos que se lhes atribui senão por meio da força magnética do médium, isto é, dessa *força psíquica*.

A diferença entre os partidários da *força psíquica* e a do espiritualismo consiste nisso: – que sustentam aqueles não se ter ainda provado senão de maneira insuficiente que existe um outro agente de direção que não a inteligência do médium e que se trata dos espíritos dos mortos; ao passo que os espiritualistas aceitam como artigo de fé, sem pedir mais provas, que são os espíritos dos mortos os únicos agentes da produção de todos os fenômenos.

Assim, a controvérsia, se reduz a uma pura questão de fato, que não se poderá resolver senão por laboriosa série de experiências e pela reunião de grande número de fatos psicológicos: será esse o primeiros dever que terá a cumprir a Sociedade de Psicologia atualmente em organização.

Mediunidade da Srta. Florence Cook

As cartas seguintes apareceram nos jornais espiritualistas, nas datas que trazem, e formam a conclusão natural desta série de memórias.

“Senhor:

“Esforcei-me o mais que pude para evitar toda controvérsia, escrevendo ou falando sobre assunto tão apaixonável quanto os fenômenos chamados espíritas. A não ser em muito pequeno número de casos, onde a eminente posição dos meus adversários poderia emprestar ao meu silêncio outros motivos que não os verdadeiros, não repliquei jamais os ataques e as falsas interpretações que a minha ligação a essa causa ocasionou contra mim.

“O caso é outro, entretanto, quando algumas linhas de minha parte puderem, talvez, afastar uma injusta suspeita atirada sobre alguém; e quando esse alguém é uma mulher, moça sensível e inocente, cumpre-me o dever especial de empregar a autoridade do meu testemunho em favor dela, que creio injustamente acusada.

“Entre todos os argumentos apresentados de um e outro lado, relativamente aos fenômenos obtidos pela mediunidade da Srta. Cook, vejo poucos fatos estabelecidos de maneira a conduzir o leitor desprevenido a dizer, no caso, que possa ter confiança no critério e na veracidade do narrador: “Enfim, eis uma prova absoluta!”

“Vejo muito fortes asserções, muita exageração não intencional, conjeturas e suposições sem fim, não poucas insinuações de fraude, um pouco de gracejo vulgar, mas não vejo ninguém apresentar-se com as afirmações positivas, baseadas na evidência dos seus próprios sentidos, de que, quando a forma que se denomina *Katie* está na sala, o corpo da Srta. Cook está nesse momento no gabinete, ou por outra, não está.

“Assim, parece-me que toda a questão está estritamente limitada.

“Que se prove como fato uma ou outra das alternativas precedentes, e todas as outras questões subsidiárias serão afastadas.

“Mas a prova deve ser absoluta: não deve ser baseada num raciocínio por indução ou aceita à vista da integridade suposta dos selos, dos nós ou das costuras, pois tenho razão para estar certo de que o poder em atividade nesses fenômenos é como o amor, que “zomba das fechaduras”.

“Eu tinha esperança de que alguns dos amigos da Srta. Cook, que acompanharam as suas sessões quase desde o começo, e que parecem ter sido altamente favorecidos nas provas que receberam, tivessem dado, antes de mim, testemunhos em seu favor. Mas, na falta das testemunhas que seguiram esses fenômenos desde o seu começo, há cerca de três anos, seja-me permitido, a mim que não fui admitido senão muito tarde, expor um fato verificado em uma sessão para que eu fora convidado, a pedido da Srta. Cook, e que se realizou alguns dias depois do desagradável acontecimento que deu origem a essa controvérsia.

“A sessão realizava-se na casa do Sr. Luxmoore e o “gabinete” era uma sala afastada, separada por uma cortina da sala da frente onde se achavam os assistentes.

“Tendo sido preenchida a formalidade ordinária de examinar a sala e as fechaduras, a Srta. Cook penetrou o gabinete.

“Pouco tempo depois, a forma de Katie apareceu ao lado da cortina, mas retirou-se logo, dizendo que o fazia porque haveria perigo em se afastar do seu médium visto que este não se achava bem e não poderia ser lançado em sono suficientemente profundo.

“Eu estava colocado a alguns pés da cortina, atrás da qual a Srta. Cook se achava sentada, tocando-a quase, e podia freqüentemente ouvir os seus gemidos e suspiros, como se ela sofresse. Esse mal-estar continuou por intervalos, durante quase toda a sessão, e uma vez, quando a forma de Katie estava diante de mim, na sala, ouvi distintamente o som de

um suspiro doloroso, idêntico aos que a Srta. Cook tinha feito ouvir, por intervalos, durante todo o tempo da sessão e que vinha de trás da cortina onde ela devia estar sentada.

“Confesso que a figura era surpreendente na sua aparência de vida e de realidade, e tanto quanto eu podia ver, à luz um pouco fraca, os seus traços assemelhavam-se aos da Srta. Cook; mas, entretanto, a prova positiva, dada por um dos meus sentidos, pois que o suspiro vinha da Srta. Cook, no gabinete, enquanto a figura estava fora dele, esta prova é muito forte para ser destruída por simples suposição do contrário, mesmo bem sustentada.

“Os leitores conhecem-me, e naturalmente crerão, espero, que não adotarei precipitadamente uma opinião, nem que lhes pedirei para estarem de acordo comigo, apresentando eu uma prova insuficiente. É talvez muita ousadia pensar que o pequeno incidente que mencionei tenha para eles o mesmo valor que teve para mim; entretanto, pedirei isto: *Que aqueles que se inclinam a julgar severamente a Srta. Cook suspendam o seu juízo até que eu apresente uma prova cabal que, acredito, será suficiente para resolver a questão.*

“Presentemente, a Srta. Cook consagra-se exclusivamente a uma série de sessões particulares, às quais não assistem senão um ou dois dos meus amigos e eu; essas sessões se prolongarão provavelmente durante alguns meses e tenho a promessa de que toda prova, que eu desejar, me será dada. Essas sessões não se vêm realizando senão há algumas semanas, mas já as houve suficientes para me convencerem plenamente da sinceridade e da honestidade perfeita da Srta. Cook, e para me darem todo o fundamento de acreditar que as promessas que Katie tem feito, tão livremente, serão cumpridas.

“Agora, o que peço é que os leitores não presumam precipitadamente que tudo o que à primeira vista parece duvidoso importe necessariamente numa decepção e que suspendam o seu juízo até que eu lhes fale de novo a respeito desses fenômenos.

“Sou, etc.

William Crookes
20, Mornington Road, London,
3 de fevereiro de 1874.”

Formas de Espíritos

“Em carta que escrevi a esses jornais no começo de fevereiro último, falei dos fenômenos de formas de Espíritos que se tinham manifestado pela mediunidade da Srta. Cook e dizia que aqueles que se inclinassem a julgar severamente a Srta. Cook suspendessem o seu juízo até que eu apresentasse uma prova cabal, que acreditava suficiente para resolver a questão.

Neste momento a Srta. Cook consagra-se exclusivamente a uma série de sessões particulares, às quais não assistem senão um ou dois dos meus amigos e eu. Vi o bastante para me convencer plenamente da sinceridade e da honestidade perfeitas da Srta. Cook e para crer, com todo o fundamento, que as promessas que Katie me fez, tão livremente, serão cumpridas.

Nessa carta descrevi um incidente que, em minha opinião, era muito próprio para me convencer de que Katie e a Srta. Cook eram dois seres materiais distintos. Quando Katie estava fora do gabinete, em pé, diante de mim, ouvi um gemido vindo da Srta. Cook, que se achava no gabinete. Considero-me feliz por dizer que obtive, enfim, a *prova cabal* de que falava na carta supramencionada.

Por enquanto não me referirei à maior parte das provas que Katie me forneceu nas inúmeras ocasiões em que a Srta. Cook me favoreceu com as suas sessões em minha casa e só descreverei uma ou duas das que se realizaram recentemente. Desde algum tempo fazia eu experiências com uma lâmpada fosforescente, que consistia em uma garrafa de 6 ou 8 onças que continha um pouco de óleo fosforado e estava solidamente arrolhada. Eu tinha razões para esperar que, à luz dessa lâmpada, alguns dos misteriosos fenômenos do gabinete pudessem tornar-se visíveis e Katie também esperava obter o mesmo resultado.

A 12 de março, durante uma sessão em minha casa e depois de Katie ter andado entre nós e ter falado durante algum tempo, esta retirou-se para trás da cortina que separava o meu laboratório, onde os assistentes estavam sentados, da minha biblioteca, que temporariamente serviu de gabinete. Um

momento depois ela reapareceu à cortina e chamou-me, dizendo: “*Entre no aposento e levante a cabeça da médium; ela escorregou para o chão*”. Katie estava então em pé, diante de mim, trajada com seu vestido branco habitual e trazia um turbante.

Imediatamente dirigi-me à biblioteca para levantar a Srta. Cook, e Katie deu alguns passos de lado para me deixar passar. Com efeito, a Srta. Cook tinha escorregado um pouco de cima do canapé e sua cabeça pendia em posição muito penosa. Tornei a pô-la no canapé e fazendo isso tive, apesar da escuridão, a viva satisfação de verificar que a Srta. Cook não estava trajada com o vestuário de Katie, mas que trazia a sua vestimenta ordinária de veludo preto e se achava em profunda letargia. Não decorreu mais que três segundos entre o momento em que vi Katie de vestido branco diante de mim e o em que coloquei a Srta. Cook no canapé, tirando-a da posição em que se achava.

Voltando ao meu posto de observação, Katie apareceu de novo e disse que pensava poder mostrar-se a mim ao mesmo tempo em que a sua médium. Abaixou-se o gás e ela me pediu a lâmpada fosforescente. Depois de ter-se mostrado à claridade durante alguns segundos, ma restituiu, dizendo: “*Agora, entre e venha ver a minha médium*”. Acompanhei-a de perto à minha biblioteca e, à claridade da lâmpada, vi a Srta. Cook estendida no canapé, exatamente como eu a tinha deixado; olhei em torno de mim para ver Katie, porém ela tinha desaparecido. Chamei-a, mas não recebi resposta. Voltei ao meu lugar; Katie tornou a aparecer logo e me disse que durante todo o tempo tinha estado em pé, perto da Srta. Cook; perguntou, então, se ela própria não poderia tentar uma experiência e, tomando das minhas mãos a lâmpada fosforescente, passou para trás da cortina, pedindo não olhasse para o gabinete.

No fim de alguns minutos, restituiu-me a lâmpada, dizendo que não tinha podido sair-se bem, que havia esgotado todo o fluido da médium, mas que tornaria a experimentar em outra ocasião. Meu filho mais velho, rapaz de 14 anos, que estava sentado à minha frente, em posição que podia ver o que se passava por trás da cortina, disse-me que tinha visto

distintamente a lâmpada fosforescente, que parecia planar no espaço acima da Srta. Cook, iluminando-a durante o tempo em que ela estivera estendida e imóvel no canapé, mas que não tinha podido ver ninguém segurar a lâmpada.

Passo agora à sessão que se realizou ontem, à noite, em Hackney. Katie nunca apareceu com tão grande perfeição. Durante perto de duas horas passeou na sala, conversando familiarmente com os que estavam presentes. Várias vezes tomou-me o braço, andando, e a impressão sentida por mim era a de uma mulher viva que se achava a meu lado, e não de um visitante do outro mundo; essa impressão foi tão forte, que a tentação de repetir uma nova e curiosa, experiência tornou-se-me quase irresistível.

Pensando, pois, que eu não tinha um espírito perto de mim, mas sim uma senhora, pedi-lhe permissão de tomá-la nos meus braços, a fim de poder verificar as interessantes observações que um experimentador ousado fizera recentemente, de maneira tão sumária. Essa permissão foi-me graciosamente dada e, por conseqüência, utilizei-me dela, convenientemente, como qualquer homem bem educado o teria feito nessas circunstâncias. O Sr. Volckman ficará satisfeito ao saber que posso corroborar a sua asserção, de que o “fantasma” (que, afinal, não fez nenhuma resistência) era um ser tão material quanto a própria Srta. Cook. Mas o que vai seguir mostrará quão pouco fundamento tem um experimentador, por maior cuidado que tenha nas suas observações, em aventurar-se a formular uma importante conclusão quando as provas não existem em quantidade suficiente.

Katie disse então que dessa vez se julgava capaz de mostrar-se ao mesmo tempo em que a Srta. Cook. Abaixei o gás e, em seguida, com a minha lâmpada fosforescente penetrei o aposento que servia de gabinete.

Mas eu tinha pedido previamente a um dos meus amigos, que é hábil estenógrafo, para anotar toda observação que eu fizesse, enquanto estivesse no gabinete, porque bem conhecia eu a importância que se liga às primeiras impressões e não queria

confiar à minha memória mais do que fosse necessário: as suas notas acham-se neste momento diante de mim.

Entrei no aposento com precaução: estava escuro e foi pelo tato que procurei a Srta. Cook; encontrei-a de cócoras, no soalho.

Ajoelhando-me, deixei o ar entrar na lâmpada e, à sua claridade, vi essa moça vestida de veludo preto, como se achava no começo da sessão, e com toda a aparência de estar completamente insensível. Não se moveu quando lhe tomei a mão; conservei a lâmpada muito perto do seu rosto, mas continuou a respirar tranqüilamente.

Elevando a lâmpada, olhei em torno de mim e vi Katie, que se achava em pé, muito perto da Srta. Cook e por trás dela. Katie estava vestida com uma roupa branca, flutuante, como já a tínhamos visto durante a sessão. Segurando uma das mãos da Srta. Cook na minha e ajoelhando-me ainda, elevei e abaixei a lâmpada, tanto para alumiar a figura inteira de Katie, como para plenamente convencer-me de que eu via, sem a menor dúvida, a verdadeira Katie, que tinha apertado nos meus braços alguns minutos antes, e não o fantasma de um cérebro doentio. Ela não falou, mas moveu a cabeça, em sinal de reconhecimento. Três vezes examinei cuidadosamente a Srta. Cook, de cócoras, diante de mim, para ter a certeza de que a mão que eu segurava era de fato a de uma mulher viva, e três vezes voltei à lâmpada para Katie, a fim de a examinar com segurança e atenção, até não ter a menor dúvida de que ela estava diante de mim. Por fim, a Srta. Cook fez um ligeiro movimento e imediatamente Katie deu um sinal para que me fosse embora. Retirei-me para outra parte do gabinete e deixei então de ver Katie, mas só abandonei o aposento depois que a Srta. Cook acordou e que dois dos assistentes entrassem com luz.

Antes de terminar este artigo, desejo salientar algumas diferenças que observei entre a Srta. Cook e Katie. A estatura de Katie era variável: em minha casa a vi maior 6 polegadas do que a Srta. Cook. Ontem à noite, tendo os pés descalços e não se apoiando na ponta dos pés, ela era maior 4 polegadas e meia do que a Srta. Cook e tinha o pescoço descoberto; a pele era perfeitamente macia ao tato e à vista, enquanto a Srta. Cook tem

no pescoço uma cicatriz que, em circunstâncias semelhantes, se vê distintamente, sendo áspera ao tato. As orelhas de Katie não são furadas, enquanto as da Srta. Cook trazem ordinariamente brincos. A cor de Katie é muito branca, enquanto a da Srta. Cook é muito morena. Os dedos de Katie são muito mais longos que os da Srta. Cook e seu rosto é também maior. Nas formas e maneiras de se exprimir há também diferenças assinaladas.

A saúde da Srta. Cook não é assaz boa para lhe permitir dar, antes de algumas semanas, outras sessões experimentais como essas, e em consequência disso insistimos fortemente para que ela tivesse um repouso completo antes de recomeçar a campanha de experiências de que dei uma exposição sumaria e, em próximo tempo, espero poder fazer conhecer os resultados.”

Última aparição de Katie King, sua fotografia com o auxílio da luz elétrica

“Tendo eu tomado parte muito ativa nas últimas sessões da Srta. Cook e obtido muito bom êxito na produção de numerosas fotografias de Katie King, com o auxílio da luz elétrica, julguei que a publicação de alguns detalhes seria interessante para os espiritualistas.

Durante a semana que precedeu a partida de Katie, ela deu sessões em minha casa, quase todas as noites, a fim de me permitir fotografá-la à luz artificial. Cinco aparelhos completos de fotografia foram, pois, preparados para esses efeitos. Eles consistiam em cinco câmaras escuras, uma do tamanho de placa inteira, uma de meia placa, uma de quarta, e de duas câmaras estereoscópicas binoculares, que deviam todas ser dirigidas sobre Katie ao mesmo tempo, cada vez que ela ficasse em posição de se lhe obter o retrato. Cinco banhos sensibilizadores e fixadores foram empregados e grande números de placas foram preparadas previamente, prontas a servir, a fim de que não houvesse nem hesitação nem demora durante as operações fotográficas, que eu mesmo executei, assistido por um ajudante.

A minha biblioteca serviu de câmara escura: ela possuía uma porta de dois batentes que se abria para o laboratório; um desses batentes foi levantado dos seus gonzos e uma cortina colocada em seu lugar, para permitir a Katie entrar e sair facilmente. Os nossos amigos, que se achavam presentes, estavam sentados no laboratório, em frente à cortina, e as câmaras escuras ficaram colocadas um pouco atrás deles, prontas a fotografar Katie quando ela saísse, e a tomar igualmente o interior do gabinete todas as vezes que a cortina fosse levantada para esse fim.

Cada noite, havia 3 ou 4 exposições de placas nas 5 câmaras escuras, o que dava pelo menos 15 provas por sessão. Algumas se estragaram no desenvolvimento, outras ao regular a luz; apesar de tudo, tenho 44 negativos, uns medíocres, alguns nem bons nem maus e outros excelentes.

Katie recomendou a todos os assistentes que ficassem sentados e observassem essa exigência; somente eu não fui incluído na medida; depois de algum tempo permitiu-me fazer o que eu desejasse, tocá-la, entrar no gabinete e dele sair, quase todas as vezes que eu quisesse.

Acompanhei-a muitas vezes ao gabinete e algumas vezes vi Katie e a médium, ao mesmo tempo; geralmente, pois, eu só encontrava a médium em letargia e deitada no soalho; Katie, com o seu vestuário branco, tinha instantaneamente desaparecido.

Durante esse seis últimos meses, a Srta. Cook fez-nos numerosas visitas e demorava-se algumas vezes uma semana em nossa casa; só trazia consigo pequena mala de mão, que não fechava à chave; durante o dia estava em companhia da Sra. Crookes, na minha ou na de algum outro membro da minha família; não dormia só, não tinha ocasião de preparar algo, mesmo de caráter menos aperfeiçoado, que fosse apto para representar o papel de Katie King.

Eu mesmo preparei e dispus a minha biblioteca, assim como a câmara escura, e, como de costume, depois que a Srta. Cook jantava e conversava conosco, ela se dirigia logo ao gabinete; a seu pedido eu fechava à chave a segunda porta, guardando a chave comigo durante toda a sessão; então, abaixava-se o gás e deixava-se a Srta. Cook na escuridão.

Entrando no gabinete, a Srta. Cook deitava-se no soalho, repousando a cabeça num travesseiro, e logo depois caía em letargia. Durante as sessões fotográficas, Katie envolvia a cabeça da médium com um xale, para impedir que a luz lhe caísse sobre o rosto.

Várias vezes levantei um lado da cortina, quando Katie estava em pé, muito perto, e então não era raro que as 7 ou 8 pessoas que estavam no laboratório pudessem ver, ao mesmo tempo, a Srta. Cook e Katie, à plena claridade da luz elétrica. Não podíamos então perceber o rosto da médium, por causa do chalé, mas notávamos as suas mãos e pés; vimo-la mover-se,

penosamente, sob a influência dessa luz intensa, e, por momentos, ouvíamos-lhe os gemidos.

Tenho uma prova de Katie e da médium fotografadas juntamente; mas Katie está colocada diante da cabeça da Srta. Cook.

Enquanto eu tomava parte ativa nessas sessões, a confiança que em mim tinha Katie aumentava gradualmente, a ponto de ela não querer mais prestar-se à sessão, sem que eu me encarregasse das disposições a tomar, dizendo que queria sempre me ter perto dela e perto do gabinete. Desde que essa confiança ficou estabelecida, e quando ela teve a satisfação de estar certa de que eu cumpriria as promessas que lhe fazia, os fenômenos aumentaram muito em força e foram-me dadas provas que me seriam impossíveis obter se me tivesse aproximado da médium de maneira diferente.

Katie me interrogava muitas vezes a respeito das pessoas presentes às sessões e sobre o modo de serem colocadas, pois nos últimos tempos se tinha tornado muito nervosa, em consequência de certas sugestões imprudentes, que aconselhavam empregar a força para tornar as pesquisas mais científicas.

Uma das fotografias mais interessantes é aquela em que estou em pé, ao lado de Katie, tendo ela o pé descalço sobre determinado ponto do soalho. Vestiu-se em seguida a Srta. Cook como Katie; ela e eu nos colocamos exatamente na mesma posição, e fomos fotografados pelas mesmas objetivas colocadas perfeitamente como na outra experiência, e alumiados pela mesma luz. Quando os dois esboços foram postos um sobre o outro, as minhas duas fotografias coincidiram perfeitamente quanto ao porte, etc., mas Katie é maior meia cabeça do que a Srta. Cook e perto dela parece uma mulher gorda. Em muitas provas, o tamanho do seu rosto e a estatura do seu corpo diferem essencialmente da médium e as fotografias fazem ver vários outros pontos de dessemelhança.

Mas a fotografia é tão impotente para representar a beleza perfeita do rosto de Katie quanto as próprias palavras o são para

descrever o encanto de suas maneiras. A fotografia pode, é verdade, dar um desenho do seu porte; mas como poderá ela reproduzir a pureza brilhante de sua tez ou a expressão sempre cambiante dos seus traços, tão móveis, ora velados pela tristeza, quando narra algum acontecimento doloroso da sua vida passada, ora sorridente, com toda a inocência de uma menina, quando reúne os meus filhos ao redor de si e os diverte contando-lhes episódios das suas aventuras na Índia?

Vi tão bem Katie, recentemente, quando estava alumada pela luz elétrica, que me é possível acrescentar alguns traços às diferenças que, em precedente artigo, estabeleci entre ela e a médium.

Tenho a mais absoluta certeza de que a Srta. Cook e Katie são duas individualidades distintas, pelo menos no que diz respeito aos seus corpos. Vários pequenos sinais, que se acham no rosto da Srta. Cook, não existem no de Katie. A cabeleira da Srta. Cook é de um castanho tão forte que parece quase preto; um cacho da cabeleira de Katie, que tenho à vista e que ela me permitira cortar de suas tranças luxuriantes, depois de ter seguido com os meus próprios dedos até ao alto da sua cabeça e de haver convencido de que ali nascera, é de um rico castanho dourado.

Uma noite, contei as pulsações de Katie; o pulso batia regularmente 75, enquanto o da Srta. Cook, poucos instantes depois atingia a 90, seu número habitual. Auscultando o peito de Katie, eu ouvia um coração bater no interior e as suas pulsações eram ainda mais regulares que as do coração da Srta. Cook, quando, depois da sessão, ela me permitia igual verificação.

Examinados da mesma forma, os pulmões de Katie mostraram-se mais sãos que os da médium, pois, no momento em que fiz a experiência, a Srta. Cook seguia tratamento médico por motivo de grave bronquite.

Os leitores acharão, sem dúvida, interessante que as suas narrações e as do Sr. Ross Church, acerca da aparição de Katie, venham reunir-se às minhas, pelo menos as que posso publicar.

Quando chegou o momento de Katie nos deixar, pedi-lhe o obséquio de ser eu o último a vê-la. Chamou ela a si cada pessoa

da sociedade e lhes disse algumas palavras em particular, deu instruções gerais sobre nossa direção futura e sobre a proteção a dispensar à Srta. Cook. Dessas instruções, que foram estenografadas, cito o seguinte: *“O Sr. Crookes sempre agiu muito bem, e é com a maior confiança que deixo Florence em suas mãos, perfeitamente convicta de que não faltará à confiança que tenho nele. Em todas as circunstâncias imprevistas, o Sr. Crookes poderá agir melhor do que eu mesma, porque tem mais força.”*

Tendo terminado suas instruções, Katie convidou-me a entrar no gabinete consigo e permitiu-me ficar nele até o fim. Depois de fechada a cortina, conversou comigo durante algum tempo, em seguida atravessou o quarto para ir até à Srta. Cook, que jazia inanimada no soalho; inclinando-se para ela, Katie tocou-a e disse-lhe: *“Acorda, Florence, acorda! É preciso que eu te deixe agora!”*

A Srta. Cook acordou e, em lágrimas, suplicou a Katie que ficasse algum tempo ainda: *“Minha cara, não posso; a minha missão está cumprida; Deus te abençoe!”*, respondeu Katie, e continuou a falar à Srta. Cook. Durante alguns minutos conversaram juntas, até que enfim as lágrimas da Srta. Cook a impediram de falar. Seguindo as instruções de Katie, precipitei-me para sustar Cook, que ia cair sobre o soalho e que soluçava convulsivamente. Olhei ao redor de mim, mas Katie, com o seu vestido branco, tinha desaparecido. Logo que a Srta. Cook ficou suficientemente calma, trouxeram luz e a eu conduzi para fora do gabinete.

As sessões, quase diárias, com que a Srta. Cook me favoreceu ultimamente, muito esgotaram as suas forças e desejo patentear, o mais possível, os obséquios que lhe devo pelo seu empenho em me ajudar nas experiências.

A qualquer prova que eu propusesse, concordava ela em submeter-se com a maior boa vontade; a sua palavra é franca e viva e vai diretamente ao assunto. Nunca vi a menor coisa que pudesse assemelhar-se à mais ligeira aparência do desejo de enganar. Na verdade, não creio que ela pudesse levar uma fraude a bom termo, porque, se o tentasse, seria prontamente

descoberta, por ser completamente estranho à sua natureza tal modo de proceder.

E quanto a imaginar que uma inocente colegial de 15 anos tenha sido capaz de conceber e de pôr em prática durante três anos, com grande êxito, tão gigantesca impostura como esta, e que durante esse tempo se tenha submetido a todas as condições que dela se exigiram, que tenha suportado as pesquisas mais minuciosas, que tenha consentido em ser examinada a cada momento, fosse antes, fosse depois das sessões; que tenha obtido ainda mais êxito na minha própria casa do que na casa de seus pais, sabendo que ia para ali expressamente com o fim de se submeter a rigorosos ensaios científicos, quanto a imaginar que a Katie King dos três últimos anos é o resultado de uma impostura, isso faz mais violência à razão e ao bom senso do que crer que Katie King é o que ela própria afirma ser.

Não me seria conveniente concluir este artigo sem agradecer igualmente ao Sr. e à Sra. Cook as grandes facilidades que me proporcionaram para poder prosseguir nas minhas observações e experiências. Os meus agradecimentos e os de todos os espiritualistas são também devidos ao Sr. Charles Blackburn, pela sua generosidade que permitiu à Srta. Cook consagrar todo o seu tempo ao desenvolvimento dessas manifestações e, em último lugar, ao seu exame científico.”

Extrato do jornal *The Spiritualist* de 29 de Maio de 1874

Desde o começo da mediunidade da Srta. Cook, o Espírito Katie King ou Annie Morgan, que tinha produzido a maior parte das manifestações físicas, havia anunciado que não tinha a possibilidade de ficar perto da sua médium senão durante três anos e que depois desse tempo despedir-se-ia para sempre.

O fim desse período expirou quinta-feira última, mas antes de deixar a médium ela concedeu aos seus amigos ainda três sessões de despedida.

A última realizou-se quinta-feira, 21 de maio de 1874: Katie expressamente fizera observar que não dava essa sessão senão aos poucos amigos convencidos, experimentados, que se achavam ainda presentes em Londres, os quais, durante muito tempo, pugnaram pela médium contra o público, e, apesar de numerosas e instantes solicitações, só fez uma exceção, convidando os Srs. M. Florence, Marryat e Ross Church. Entre os espectadores estavam o Sr. William Crookes e a criada Maria...

Às 7:23 da noite o Sr. Crookes conduziu a Srta. Cook à câmara escura, onde ela se estendeu no soalho, apoiando a cabeça num travesseiro. Às 7:28 Katie falou pela primeira vez e às 7:30 mostrou-se fora da cortina e em toda a sua forma; estava vestida de branco, com as mangas curtas, e decotada; tinha longos cabelos castanho-claros, de cor dourada, caindo-lhe em cachos dos dois lados da cabeça e ao longo das costas, até à cintura; trazia um grande véu branco que não foi abaixado senão uma ou duas vezes sobre o seu rosto, durante a sessão.

A médium tinha um vestido azul-claro, de merinó. Durante quase toda a sessão Katie ficou em pé diante de nós; a cortina do gabinete estava afastada e todos podíamos ver distintamente a médium adormecida com o rosto coberto com um xale encarnado, para o resguardar da luz. Ela não deixara a sua primitiva posição desde o começo da sessão, durante a qual se derramava viva claridade pelo aposento. Katie falou da sua próxima partida e aceitou um ramalhete que o Sr. Tapp trouxera,

assim como alguns lírios oferecidos pelo Sr. Crookes; convidou, em seguida, o Sr. Tapp a desamarrar o ramallete e colocar as flores diante dela, sobre o soalho; sentou-se, então, à maneira turca e pediu-nos para fazer a mesma coisa, ao seu redor. Depois, dividiu as flores e deu a cada um de nós um pequeno ramo, que amarrou com uma fita azul.

Escreveu também cartas de despedida a alguns dos seus amigos, assinando-se “Annie Owen Morgan” e dizendo que fora este o seu verdadeiro nome durante sua vida terrestre. Escreveu, igualmente, uma carta à médium e escolheu para ela um botão de rosa, como presente de despedida. Pediu, então, a tesoura, cortou pedaços dos seus cabelos e deu a todos nós uma grande parte, e, tomando em seguida o braço do Sr. Crookes, fez uma volta pela sala e apertou a mão de cada um; sentou-se de novo, cortou vários pedaços do seu vestido e do véu e nos presenteou com eles.

Vendo-se-lhe grande orifício no vestido, quando ela se achava sentada entre o Sr. Crookes e o Sr. Tapp, perguntaram-lhe se poderia restaurar o dano, assim como o tinha feito em outras ocasiões. Katie apresentou a parte cortada à claridade da luz, deu uma pancada em cima, e instantaneamente essa parte ficou tão completa e tão nítida como dantes. As pessoas que se lhe achavam perto lhe examinaram o pano, tocando-o com a sua permissão, e afirmaram que não existia nem orifício, nem costura, nem nenhum tecido sobreposto, onde instantes antes tinham visto buracos de várias polegadas de diâmetro.

Katie deu em seguida as suas últimas instruções ao Sr. Crookes e aos outros amigos, sobre a conduta a manter relativamente às manifestações ulteriores, que havia prometido por intermédio da médium. Essas instruções foram anotadas com cuidado e entregues ao Sr. Crookes. Ela pareceu então fatigada e dizia tristemente que desejava ir-se embora, porque a sua força desaparecia; reiterou a todos as suas despedidas da maneira mais afetuosa. Os assistentes agradeceram-lhe as manifestações maravilhosas que lhes tinha concedido.

Finalmente, dirigiu aos seus amigos um último olhar grave e pensativo, deixou cair à cortina e tornou-se invisível. Ouviu-se

que a médium acordava e lhe pedia, derramando lágrimas, que ficasse ainda um pouco mais; mas Katie lhe respondeu: “*Minha cara, não posso; a minha missão está cumprida; Deus te abençoe*”. E ouvimos o som de um beijo de despedida. A médium apresentou-se, então, entre nós, inteiramente desfalecida e profundamente consternada.

Katie dizia que não podia, para o futuro, falar nem se tornar visível; que, executando durante três anos essas manifestações físicas, tinha passado uma vida bem penosa, para expiar as suas faltas; que estava resolvida a elevar-se a um grau superior da vida espiritual; que só a longos intervalos poderia corresponder-se, por escrito, com a sua médium, mas que poderia sempre vê-la por meio da lucidez magnética.

O Espírito Katie King materializa-se nas sessões do sábio Aksakof, antes de se manifestar ao Doutor William Crookes

Diz Aksakof na sua obra:⁵

Farei aqui uma breve digressão, narrando a minha entrevista com Katie King, entrevista que ainda não foi publicada pela imprensa estrangeira.

Em 1873, já o Sr. Crookes tinha publicado os seus artigos sobre a força psíquica, porém não acreditava ainda nas materializações e dizia que só acreditaria nelas quando visse ao mesmo tempo o médium e a forma materializada.

Achando-me em Londres, nessa época, desejei naturalmente ver esse fenômeno, único então. Tendo-me relacionado com a família da Srta. Cook, fui graciosamente convidado para assistir à sessão que devia realizar-se a 22 de outubro.

Reunimo-nos em um pequeno aposento que servia de sala de jantar.

A médium, Srta. Florence Cook, sentou-se em uma cadeira, no canto formado pelo fogão e a parede; atrás havia uma cortina corrediça; o Sr. Luxmoore, que dirigia a sessão, exigiu que eu examinasse bem o lugar e as ligaduras da médium, pois pensava ser esta última precaução sempre indispensável. Em primeiro lugar ligou ele cada uma das mãos da médium, separadamente, com uma fita de linho, selou os nós, depois, reunindo as mãos por trás das costas, ligou-as conjuntamente com as extremidades da mesma fita e, de novo, selou os nós; depois, ligou-as ainda com uma longa fita, que fez passar por fora da cortina, por baixo de um gancho de cobre, que foi preso à mesa perto da qual ele estava sentado; desse modo a médium não podia mover-se sem imprimir um movimento à fita.

O aposento estava iluminado por pequena lâmpada, colocada atrás de um livro.

Ainda não havia decorrido um quarto de hora e a cortina foi afastada suficientemente, para deixar ver uma forma humana, em pé, vestida completamente de branco, com o rosto descoberto,

mas tendo os cabelos envolvidos em um véu branco e as mãos e os braços completamente nus – era Katie.

Na mão direita ela segurava um objeto, que entregou ao Sr. Luxmoore, dizendo-lhe: “*É para o Sr. Aksakof; eu lho ofereço*”.

Ela me oferecia um pote de doce! e a entrega desses presentes provocou um riso geral.

Como se vê, a nossa primeira entrevista não teve nada de místico.

Tive a curiosidade de perguntar donde vinha esse pote de doce e Katie deu-me esta resposta, não menos prosaica que o presente: “*Da cozinha*”.

Durante toda essa sessão ela conversou com as pessoas presentes; a sua voz era abafada; só se percebia um ligeiro cochicho; repetia a todo o instante: “*Façam-me perguntas; perguntas sensatos*”; então, perguntei-lhe: “Não poderá mostrar-me a sua médium?” Ela me respondeu: “*Sim, venha ligeiro e olhe*”.

Imediatamente afastei as cortinas das quais eu estava apenas afastado 5 passos; a forma branca tinha desaparecido e diante de mim, em um canto escuro, avistei a médium, sempre sentada na cadeira; trajava vestido de seda preta e, assim, não pude vê-la distintamente na escuridão. Logo que voltei ao meu lugar, Katie tornou a aparecer perto da cortina e perguntou-me: “*Viu bem?*” “Não muito bem” – respondi; estava escuro atrás da cortina. “*Então segure a lâmpada e olhe depressa*”, respondeu-me Katie.

Em menos de um segundo, coloquei-me atrás da cortina, com a lâmpada na mão; todo vestígio de Katie tinha desaparecido e eu me achava em presença da médium, que estava sentada na cadeira, com as mãos ligadas por trás e mergulhada em profundo sono.

A luz da minha lâmpada, caindo sobre o seu rosto, produziu o seguinte efeito: a médium gemeu, fazendo esforços para acordar; um interessante colóquio travou-se, atrás da cortina, entre a médium, que queria acordar completamente, e Katie que queria

adormecê-la ainda; ela, porém, teve de ceder; Katie despediu-se dos assistentes, e fez-se silêncio; a sessão estava terminada.

O Sr. Luxmoore convidou-me a examinar bem as ligaduras, nós e selos: tudo estava intacto; quando tive de cortar os laços, senti grande dificuldade para introduzir a tesoura sob as fitas, tão fortemente tinham sido atados os punhos.

Examinei de novo o gabinete, logo que a Srta. Cook o deixou. Para mim era evidente que não fôramos joguete de mistificação por parte da Srta. Cook.

Mas, então, donde tinha vindo e por onde havia desaparecido essas formas brancas, vivas, falantes – uma verdadeira personalidade humana?

Lembro-me muito bem da impressão que experimentei nesse dia.

Eu estava certamente preparado para ver essas coisas, entretanto, foi-me custoso acreditar nos meus olhos.

O testemunho dos sentidos, a lógica mesmo, me forçavam a crer, enquanto a razão a isso se opunha; tanto é verdade que a força do hábito subjuga os nossos raciocínios. Quando estamos habituados a uma coisa, supomos compreendê-la.

Um observador superficial suporá, naturalmente, que o papel de Katie foi representado por uma pessoa qualquer, introduzindo-se por uma abertura habilmente dissimulada.

Mas não nos esqueçamos de que as sessões nem sempre eram realizadas na casa ocupada pela família Cook.

Assim, tive ocasião, a 28 de outubro, de tornar a ver Katie em uma sessão organizada na residência do Sr. Luxmoore – um homem rico –, antigo juiz de paz.

Os convidados eram em número de quinze. Enquanto esperávamos a Srta. Florence Cook, examinamos o compartimento que devia servir de câmara escura e que se abria para a sala; achava-se nele uma segunda porta, que o Sr. Dumphrey (redator do *Morning-Post*) fechou à chave, guardando-a no bolso.

Logo depois chegou a Srta. Florence, acompanhada de seus pais; foi colocada em uma cadeira perto da porta que dava para a sala e o Sr. Luxmoore amarrou-a, mas não da mesma forma por que o tinha feito na sessão precedente: o busto e os braços foram ligados separadamente, a fita que cingia o busto foi ainda esta vez passada por baixo de um gancho de cobre, fixado no soalho perto da cadeira em que se achava a Srta. Cook, e em seguida conduzida para a sala; os nós da fita foram selados como da primeira vez pelo Sr. Luxmoore. Todos os convidados assistiram a essa operação, depois da qual passamos para a sala.

As cortinas foram corridas e nós nos colocamos diante, em meio círculo.

O aposento estava suficientemente iluminado.

Dentro em pouco, a cortina afastou-se cerca de um pé e a forma de Katie apareceu na porta, vestida como de ordinário, e fazia os seus discursos habituais. A fita que repousava no soalho não se movia.

Katie insistiu de novo para que se lhe apresentassem perguntas sensatas.

Exprimi-lhe o desejo de se aproximar mais de nós, de avançar no aposento ainda que fosse um só passo, como já o tinha feito em outras sessões; ela, porém, me respondeu que não podia fazê-lo essa noite.

Katie desapareceu por um instante e tornou a aparecer segurando um grande vaso japonês que estava no aposento onde se achava a Srta. Cook, mas a grande distância da cadeira onde estava amarrada. O vaso foi retirado das mãos de Katie e esta volteou três vezes sobre o lugar. Por esses movimentos, queria evidentemente demonstrar-nos que seu corpo e suas mãos estavam livres de obstáculos e, por consequência, que não era a médium que se mostrava.

A sessão foi quase de uma hora, durante a qual Katie apareceu e desapareceu repetidas vezes.

Enfim, a Srta. Cook acordou; teve ainda uma conversa com Katie e a sessão terminou como precedentemente.

Um dos assistentes examinou os selos e os nós, cortou as fitas e levou-as.

Entre as minhas notas encontro esta notícia, que se relaciona com a época das experiências em questão: “Confesso que as sessões da Srta. Cook me impressionaram vivamente; de um lado eu hesitava em crer nos meus olhos; entretanto a evidência dos fatos, as condições em que se produziram, obrigaram-me a aceitá-los...”

Katie cumpriu a sua promessa de deixar-se fotografar.

Ninguém suporia, nessa época, que essas experiências fotográficas fossem feitas pelo Sr. Crookes, descrente ainda dos fenômenos de materialização.

Durante a conversa que tive com Crookes, após as sessões relatadas, pedi ele a minha opinião sobre essas manifestações. Respondi-lhe que me via forçado a considerá-las autênticas.

E ele observou: “Nenhuma ligadura me fará crer nesse fenômeno; a meu ver, a ligadura não oferece embaraços à força que age; não me darei por convencido enquanto não vir, ao mesmo tempo, a médium e a figura materializada.”⁶

Relatório da comissão dos sábios que se reuniram em Milão, em 1892, para o estudo dos fenômenos psíquicos

Tomando em consideração o testemunho do Professor César Lombroso sobre os fenômenos mediúnicos que se produzem por intermédio da Sra. Eusápia Paladino, os abaixo assinados reuniram-se em Milão para fazer com ela uma série de estudos tendentes a verificar esse fenômenos, submetendo-a a experiências e a observações tão rigorosas quanto possíveis.

Houve ao todo dezessete sessões, que se realizaram na residência do Sr. Fínzi, (Rua do *Mont de Piété*), das 9 horas à meia-noite.

A médium, convidada para essas sessões pelo Sr. Aksakof, foi apresentada pelo Cavalheiro Chiaia, que assistiu somente a terça parte delas e quase unicamente as primeiras e menos importantes.

À vista do ruído produzido na imprensa e das diversas apreciações feitas a respeito da Sra. Eusápia e do Cavalheiro Chiaia, resolvemos publicar, sem demora, esses resumido relatório de todas as nossas observações e experiências.

Antes de começar, notaremos que os resultados obtidos nem sempre correspondem à nossa expectativa, não porque não tenhamos, em grande quantidade, fatos, em aparência ou realmente importantes e maravilhosos; mas na maioria deles não pudemos aplicar as regras da arte experimental, que em outros campos de observação são consideradas necessárias para chegar a resultados certos e incontestáveis.

A mais importante dessas regras consiste em mudar um por um os modos de experimentação, de maneira a descobrir a verdadeira causa, ou pelo menos as verdadeiras condições de todos os fatos.

Ora, é precisamente sob esse ponto de vista que as nossas experiências parecem ainda incompletas. É verdade que muitas vezes a médium, para provar a sua boa fé, propôs espontaneamente mudar alguma particularidade de uma ou de

outra experiência e, muitas vezes, ela mesma tomou a iniciativa dessas mudanças.

Mas isso se relacionava sobretudo com circunstâncias indiferentes em aparência, a nosso ver.

As mudanças, ao contrário, que nos pareciam necessárias para pôr fora de dúvida o verdadeiro caráter dos resultados, ou não foram aceitas como possíveis pela médium, ou, se foram realizadas, apenas serviram para tornar quase sempre a experiência nula, ou pelo menos produziram resultados obscuros.

Não temos o direito de explicar esses fatos com o auxílio dessas suposições injuriosas, que muitos consideram ainda as mais simples e das quais os jornais se têm constituído campeões.

Pensamos, ao contrário, que se trata aqui de fenômenos de natureza desconhecida e confessamos ignorar as condições necessárias para que eles se produzam.

Querer fixar essas condições por nós mesmos seria, pois, tão extravagante como pretender fazer a experiência do barômetro de Torricelli, com um tubo fechado em baixo, ou experiências eletrostáticas, em uma atmosfera saturada de umidade, ou ainda fotografar, expondo a placa sensível à plena luz, antes de colocá-la na câmara escura.

Entretanto, admitindo tudo isso (de que nenhuma pessoa sensata pode duvidar), não é menos verdadeiro que a impossibilidade bem assinalada de variar as experiências, à nossa vontade, diminuiu singularmente o valor e o interesse dos resultados obtidos, tirando-lhes, em muitos casos, esse rigor de demonstração que se tem o direito de exigir para fatos dessa natureza, ou, antes, ao qual se deve aspirar.

Por essas razões, entre as inumeráveis experiências efetuadas, não mencionaremos, ou o faremos rapidamente, as que nos parecerem pouco prováveis e a respeito das quais as conclusões puderam facilmente variar entre os diversos experimentadores. Mencionaremos, ao contrário, com mais detalhes, as ocasiões nas quais, apesar do obstáculo que acabamos de indicar, nos parecem ter atingido um grau suficiente de probabilidade.

I – Fenômenos observados à luz

Movimentos de objetos a distância sem contato

a) Movimentos espontâneos de objetos:

Esses fenômenos foram observados vários vezes durante as nossas sessões; freqüentemente uma cadeira, colocada para esses fins, não distante da mesa, entre a médium e um dos seus vizinhos, começou a mover-se e, algumas vezes, se aproximou da mesa.

Um exemplo notável deu-se na segunda sessão, *sempre em plena luz*: uma pesada cadeira (10 quilogramas), que se achava a um metro da mesa e por trás da médium, aproximou-se do Sr. Schiaparelli, que estava sentado perto da médium; ele levantou-se para tornar a colocá-la no lugar; mas, apenas tinha sentado, a cadeira veio de novo colocar-se junto dele.

b) Movimento da mesa sem contacto:

Desejávamos obter esses fenômenos.

Para isso, a mesa foi colocada sobre roldanas, os pés da médium foram vigiados e todos os assistentes fizeram uma cadeia com as mãos, inclusive a médium. Quando a mesa começou a mover-se, levantamos todos as mãos, sem romper a cadeia, e a mesa, assim isolada, fez vários movimentos. Essa experiência foi repetidas várias vezes.

c) Movimento da alavanca de uma balança:

Esta experiência foi feita, pela primeira vez, na sessão de 21 de setembro.

Depois de ter sido verificada a influência que o corpo da médium exercia sobre a balança, enquanto nela estava sentada, quisemos observar se essa experiência poderia ter bom êxito, à distância. Para isso, a balança foi colocada por trás da médium sentada à mesa, de tal modo que a plataforma estivesse a 10 centímetros da sua cadeira.

Pôs-se, em primeiro lugar, a barra do seu vestido em contato com a plataforma; a alavanca começou a mover-se. Então, o Sr.

Broffério deitou-se no chão e, segurando a barra do vestido, verificou que ela não estava perfeitamente direita; depois voltou ao seu lugar.

Continuando os movimentos com bastante força, o Sr. Aksakof deitou-se no chão, por trás da médium, isolou completamente a plataforma da barra do vestido, dobrou este por baixo da cadeira e certificou-se, com a mão, de que o espaço estava perfeitamente livre entre a plataforma e a cadeira.

Enquanto ele estava nessa posição, a alavanca continuava a mover-se e a bater de encontro à barra de descanso, o que todos nós vimos e ouvimos. Uma segunda vez, realizou-se a mesma experiência na sessão de 27 de setembro, em presença do Professor Richet. Quando, depois de certa espera, o movimento da alavanca se produziu à vista de todos, batendo no descanso, o Sr. Richet deixou o seu lugar, perto da médium, e, passando a mão no ar e pelo chão entre a médium e a plataforma, certificou-se de que esses espaços estavam livres de qualquer comunicação, fio ou cordel.

Pancadas e reprodução de sons na mesa

Essas pancadas sempre se produziram durante as nossas sessões, para exprimir *sim* ou *não*; algumas vezes eram fortes e nítidas e pareciam ressoar na madeira da mesa; mas, como se notou, a localização do som não é coisa fácil e não pudemos fazer, a esse respeito, nenhuma experiência, à exceção de pancadas ritmadas ou diversas arranhadelas que produzíamos na mesa e que pareciam reproduzir-se, em seguida, no interior da madeira, mas fracamente.

II – Fenômenos observados na escuridão

Os fenômenos observados na escuridão completa produziram-se enquanto estávamos todos sentados ao redor da mesa, fazendo a cadeia (pelo menos durante os primeiros minutos). As mãos e os pés da médium estavam seguros pelos seus dois vizinhos. Estando as coisas desse modo, verificaram-se logo depois os

fatos mais variados e singulares, que, sem dúvida, não obteríamos em plena luz, pois a escuridão aumentava evidentemente a facilidade dessas manifestações, que podem ser classificadas do seguinte modo:

1. Pancadas na mesa, sensivelmente mais fortes que as que se ouviam em plena luz; em baixo ou em cima dela, ruídos semelhantes ao de um murro ou de uma palmada.
2. Choque e pancadas nas cadeiras dos vizinhos da médium, por vezes bastante fortes para fazerem voltar a cadeira com a pessoa. Algumas vezes, quando esta pessoa se levantava, a cadeira era retirada.
3. Transporte, para cima da mesa, de objetos diversos, tais como cadeiras, vestuários e outras coisas, distanciadas de *vários metros* e pesando *vários quilos*.
4. Transporte, no ar, de objetos diversos (instrumentos de música, por exemplo); percussões e sons produzidos por esses objetos.
5. Transporte, para cima da mesa, da médium com a cadeira em que se achava sentada.
6. Aparição de pontos fosforescentes de muito pouca duração (uma fração de segundo) e de claridades, notadamente de discos luminosos, que muitas vezes se desdobravam, de duração igualmente muito curta.
7. Ruído de duas mãos que se batiam no ar, uma na outra.
8. Sopros sensíveis, como uma ligeira aragem, limitada a um pequeno espaço.
9. Toques produzidos por mão misteriosa, ora nas partes vestidas do nosso corpo, ora nas partes descobertas (rosto e mãos), e neste último caso experimentava-se exatamente a sensação de contato e de calor que produz a mão humana. Por vezes percebem-se realmente esse toques, com um ruído correspondente.
10. Visão de uma ou duas mãos projetadas num papel fosforescente ou uma janela fracamente iluminada.

11. Diversos trabalhos efetuados por essas mãos: nós feitos e desfeitos, traços de lápis (conforme toda a aparência) deixados sobre uma folha de papel ou outro lugar. Impressões dessas mãos numa folha de papel enegrecida.
12. Contato das nossas mãos com uma figura misteriosa, *que não é certamente a da médium*.

Todos os que negam a possibilidade dos fenômenos mediúnicos tentam explicar esse fatos supondo que a médium tem a faculdade (declarada impossível pelo Professor Richet) de ver na escuridão completa onde se faziam as experiências, e que por hábil artifício, agitando-se de mil maneiras na escuridão, acaba por fazer segurar uma das mãos pelos seus dois vizinhos, tornando a outra livre, para produzir os toques. Aqueles dentre nós que tiveram ocasião de vigiar as mãos de Eusápia são obrigados a confessar que esta não se prestava certamente a facilitar a sua vigilância.

No momento em que se ia produzir algum fenômeno importante, ela começava a agitar-se, torcendo-se e tentando libertar as mãos, sobretudo a direita, como de um contato penoso.

Para tornar a vigilância contínua, os seus vizinhos eram obrigados a seguir todos os movimentos da mão fugitiva, o que ocasionava perder-se, por limitados instantes, o seu contato, exatamente na ocasião em que mais se desejava tê-la presa.

Nem sempre era fácil saber se se segurava a mão direita ou a esquerda da médium.

Por essa razão, muita das manifestações, observadas na escuridão, foram consideradas como de valor demonstrativo insuficiente, posto que, em realidade, provável. Assim, não mencionaremos estas, expondo somente alguns casos sobre os quais não se pode ter nenhuma dúvida, seja por causa da certeza do exame feito, seja pela *impossibilidade manifesta* de terem eles sido obra da médium.

a) Transporte de diferentes objetos enquanto as mãos e os pés da médium estavam amarrados aos dos seus vizinhos:

Para nos certificarmos de que não éramos vítimas de uma ilusão, ligamos as mãos da médium às dos seus dois vizinhos, por meio de cordel de três milímetros de diâmetro, de maneira que os movimentos das quatro mãos se verificassem reciprocamente.

A ligação foi feita da maneira seguinte: ao redor de cada punho da médium deram-se três voltas bem justas com o cordel, apertadas a ponto de doer, e em seguida deu-se duas vezes um nó simples. Isso feito, foi colocada uma campainha sobre uma cadeira, à direita da médium.

Estabeleceu-se a cadeia e as mãos e os pés da médium foram, além disso, seguros como de costume.

Fez-se escuridão e exprimimos o desejo de que a campainha tocasse sem demora. *Imediatamente* ouvimos a cadeira virar, descrever uma curva no soalho, aproximar-se da mesa e logo se colocar sobre ela. A campainha tocou; depois foi atirada sobre a mesa.

Tendo-se feito bruscamente luz, verificou-se que os nós estavam perfeitos.

É claro que o transporte da cadeira não foi produzido pelas mãos da médium, durante essa experiência, que durou, no máximo, 10 minutos.

b) Impressão de dedos obtidos num papel enfumaçado:

Para termos certeza de que realmente estava em jogo uma mão humana, fixamos na mesa, do lado oposto ao da médium, uma folha de papel enegrecida com fumaça, exprimindo o desejo de que a mão deixasse nele uma impressão, que a mão da médium ficasse limpa e que o preto da fumaça fosse transportado para uma das nossas mãos.

As mãos da médium estavam seguras pelas dos Srs. Schiaparelli e Du Prel.

Feita a cadeia e a escuridão, ouvimos logo mão estranha bater fracamente na mesa e, na mesma ocasião, o Sr. Du Prel anunciar

que a sua mão esquerda, que segurava a direita do Sr. Fínzi, sentia dedos que a esfregavam.

Feita a luz, achamos no papel várias impressões de dedos e as costas da mão do Sr. Du Prel enegrecidas: as mãos da médium estavam perfeitamente limpas.

Essa experiência foi repetida três vezes, insistindo-se para se ter uma impressão completa; numa segunda folha obtiveram-se cinco dedos e numa terceira a impressão de uma mão esquerda quase inteira. Depois disso, as costas da mão do Sr. Du Prel estavam completamente enegrecidas, permanecendo as mãos da médium perfeitamente limpas.

c) Aparição de mãos sobre um fundo ligeiramente iluminado:

Colocamos na mesa um cartão embebido de substância fosforescente (sulfureto de cálcio) e outros sobre cadeiras, em diferentes pontos da sala.

Nessas condições, vimos muito bem um perfil de mão que descansava sobre o cartão da mesa e sobre o fundo formado pelos outros cartões; vimos a sombra da mão passar e perpassar ao redor de nós.

Na noite de 21 de setembro, um de nós viu várias vezes, não uma, porém *duas mãos ao mesmo tempo* projetarem-se sobre a fraca luz de uma janela fechada somente com caixilhos (fora era noite, mas a escuridão não era absoluta), as mãos agitavam-se com rapidez, não tanto, todavia, que não pudéssemos distinguir nitidamente o perfil.

Eram completamente opacas e projetavam-se sobre a janela, em sombras absolutamente negras. Não foi possível ajuizar-se sobre os braços, aos quais estavam ligadas, porque somente pequena parte desses braços, junta ao punho, se interpunha à fraca claridade da janela, no lugar em que era possível observá-la.

Esses fenômenos de aparição simultânea de duas mãos são muito significativos, porque não podem ser explicados pela hipótese de fraude da médium, que não teria conseguido, de nenhum modo, tornar livre senão uma das suas, graças à vigilância dos seus vizinhos.

A mesma conclusão se aplica ao bater de *duas mãos*, uma contra outra, o que foi ouvido várias vezes no ar, durante o curso das nossas experiências.

d) Elevação da médium sobre a mesa:

Colocamos entre os fatos mais importantes e mais significativos essa elevação, que foi efetuada duas vezes, em 23 de setembro e 3 de outubro: a médium, que estava sentada à cabeceira da mesa, soltando fortes gemidos, foi levantada com a cadeira e colocada com ela sobre a mesa, sentada na mesma posição, tendo sempre as mãos seguras e acompanhadas pelos seus vizinhos.

Na noite de 28 de setembro, a mesma médium, enquanto as suas mãos estavam seguras pelos Srs. Richet e Lombroso, queixava-se de mãos que a seguravam por baixo dos braços. Depois, em transe, disse com voz mudada, muito comum nesse estado: *“Agora vou levar a médium para cima da mesa”*. Ao cabo de 2 ou 3 segundos, a cadeira, com a médium que nela se achava sentada, foi, não atirada, mas levantada sem precaução e colocada em cima da mesa, enquanto os Srs. Richet e Lombroso asseveravam não ter ajudado em nada essa ascensão com os seus esforços.

Depois de ter falado, sempre em estado de transe, a médium anunciou a sua descida. Nessa ocasião, o Sr. Fínzi substituíu o Sr. Lombroso. A médium foi depositada no chão com inteira segurança e precisão, e os Srs. Richet e Fínzi acompanhavam, sem a ajudar em nada, os movimentos das mãos e do corpo e interrogavam-se a cada instante sobre a posição das mãos.

Além disso, durante a descida, ambos sentiram, por vezes repetidas, mão estranha tocá-los levemente na cabeça.

Na noite de 3 de outubro, o mesmo fenômeno se repetiu, em circunstâncias bastante semelhantes, estando os Srs. Du Prel e Fínzi colocados ao lado da médium.

e) Contatos:

Alguns merecem notados, particularmente, por causa de uma circunstância capaz de fornecer alguma noção interessante sobre

a sua possível origem; e, antes de tudo, é preciso notar os contatos que foram sentidos pelas pessoas colocadas fora do alcance das mãos da médium.

Assim, a 6 de outubro, o Sr. Gerosa, que se achava à distância de cerca de um metro da médium, tendo elevado a mão para que ela fosse tocada, sentiu várias vezes uma outra que batia na sua para abaixá-la e, como ele persistia, foi tocado com uma trombeta, que pouco antes tinha produzido sons no ar.

Depois, é preciso notar os contatos que constituem operações delicadas, que não podem ser executadas na escuridão com a precisão que lhes temos notado.

Duas vezes (16 e 21 de setembro), os óculos do Sr. Schiaparelli foram tirados e colocados sobre a mesa, diante de outra pessoa. Esses óculos estavam fixados às orelhas por meio de duas molas e é preciso certa atenção para os tirar, mesmo para quem opera em plena claridade. Foram, no entanto, tirados na escuridão completa, com tanta delicadeza e prontidão, que o ilustre sábio só percebeu quando não mais sentiu o contato habitual deles sobre o nariz, fontes e orelhas e foi necessário apalpar-se para ter certeza da realidade do fato.

Efeitos análogos resultaram de muitos outros contatos, executados com excessiva delicadeza, por exemplo, quando um dos assistentes sentiu acariciarem-lhe os cabelos e a barba. Em todas as inumeráveis manobras executadas por mãos misteriosas, jamais houve uma negligência ou um choque, o que é ordinariamente inevitável com quem opera na escuridão.

f) Contatos com uma figura humana:

Tendo um de nós manifestado o desejo de ser beijado, sentiu diante da própria boca o estalido rápido de um beijo, mas não acompanhado de contato de lábios: isso se produziu duas vezes (21 de setembro e 1º de outubro). Em três ocasiões diferentes aconteceu a um dos assistentes pôr a mão em uma figura humana que tinha cabelos e barba. O contato da pele era absolutamente o do rosto de um homem vivo, os cabelos eram muito mais ásperos e arrepiados do que os da médium e a barba, ao contrário, parecia muito fina (1º, 5 e 6 de outubro).

g) Experiências de Zoellner sobre a penetração de um sólido através de outro sólido:

Ensaíamos sucessivamente três das experiências de Zoellner, a saber:

- 1º- O entrecruzamento de dois anéis sólidos (de madeira ou papelão), antes separados;
- 2º- A formação de um nó simples numa corda sem fim;
- 3º- A penetração de um objeto sólido numa caixa fechada, estando a chave guardada.

Nenhuma dessas tentativas foi bem sucedida, dando-se o mesmo com outra experiência que teria sido não menos convincente – a do molde da mão misteriosa na parafina derretida.⁷

III – Os fenômenos precedentemente observados, na escuridão, são obtidos, enfim, à luz, com a médium à vista

Restava-nos, para chegar à inteira convicção, experimentar obter os fenômenos importantes na escuridão, sem entretanto perder de vista a médium.

Pois que a escuridão é, ao que parece, bastante favorável à manifestação, era preciso deixar a escuridão aos fenômenos e manter a luz para nós e para a médium. Para isso, eis como procedemos na sessão de 6 de outubro: uma parte de um quarto foi separada da outra por uma cortina, para que ela ficasse na escuridão, e a médium foi colocada sentada em uma cadeira diante da abertura da cortina, com as costas para a parte escura: os braços, mãos, rosto e pés na parte clara do quarto.

Atrás da cortina colocou-se uma pequena cadeira, com uma campainha, a meio metro pouco mais ou menos da cadeira da médium, e sobre outra mais afastada foi colocado um vaso cheio de argila úmida, perfeitamente lisa na superfície.

Na parte clara fizemos círculo ao redor da mesa, que foi colocada diante da médium, tendo esta as mãos sempre seguras pelos seus vizinhos, os Srs. Schiaparelli e Du Prel.

O aposento estava iluminado por uma lanterna de vidros encarnados colocada sobre outra mesa. *Era a primeira vez que a médium se submetia a essas condições.*

Imediatamente os fenômenos começaram. Então, à luz de uma vela, sem vidros encarnados, vimos a cortina enfunar-se para o nosso lado; os vizinhos da médium, empurrando-a, sentiram resistência; a cadeira de um deles foi puxada com violência, sendo nela vibradas cinco pancadas, o que significava a necessidade de diminuir a luz. Acendemos, então, a lanterna encarnada, sem retirá-la do lugar, cobrindo-a, além disso, em parte com um pára-luz; pouco depois, porém, tiramos o pára-luz, tendo sido antes a lanterna colocada na mesa, em frente à médium.

As bordas do orifício da cortina foram fixadas aos ângulos da mesa e, a pedido da médium, redobradas por baixo da sua cabeça e presas com alfinetes; então, sob a cabeça da médium começou alguma coisa a aparecer, repetidas vezes. O Doutor Aksakof levantou-se, colocou a mão na abertura da cortina, por cima da cabeça da médium, e comunicou logo que dedos o tocavam repetidamente; depois a sua mão foi puxada através da cortina e por fim sentiu que lhe entregavam alguma coisa; era a pequena cadeira, que ele segurou e que foi de novo tomada, caindo por derradeiro no chão. *Todos os assistentes puseram a mão na abertura e sentiram o contato de mãos.*

No fundo escuro dessa abertura, por cima da cabeça da médium, os clarões azulados habituais apareceram várias vezes; o Sr. Schiaparelli foi tocado fortemente, através da cortina, nas costas e ao lado; a sua cabeça foi coberta e puxada para a parte escura, enquanto com a mão esquerda segurava sempre a direita da médium e com a mão direita segurava a esquerda do Sr. Fínzi.

Nessa posição, sentiu-se tocado por dedos quentes, viu clarões descreverem curvas no ar e iluminando um pouco a mão ou o corpo a que pertenciam. Depois, voltando do seu lugar, viu que mão estranha começou a aparecer mais distintamente na abertura, isto é, sem ser retirada com tanta rapidez.

Como a médium jamais houvesse visto semelhante coisa, levantou a cabeça para olhar e imediatamente a mão lhe tocou o rosto. O Sr. Du Prel, sem deixar a mão da médium, passou a cabeça na abertura, por cima dela, e logo se sentiu tocado fortemente em diferentes partes e por vários dedos. Entre as duas cabeças, a mão se mostrou ainda. O Sr. Du Prel voltou ao seu lugar e o Sr. Aksakof apresentou um lápis na abertura; o lápis foi tomado pela mão e não caiu; pouco depois foi lançado através da abertura sobre a mesa.

Uma vez apareceu um punho fechado sobre a cabeça da médium; pouco depois, a mão se abriu lentamente, ficando com os dedos separados.

É impossível contar o número de vezes que essa mão apareceu e foi por nós tocada; basta dizer que nenhuma dúvida se tornava possível:

Era uma verdadeira mão humana e viva que víamos e tocávamos, ao passo que na mesma ocasião o busto e os braços da médium ficavam visíveis e as suas mãos estavam seguras pelos seus dois vizinhos.

No fim da sessão, o Sr. Du Prel foi o primeiro a penetrar na parte escura e anunciou uma impressão na argila.

Com efeito, verificamos que a argila estava deformada por profunda depressão de cinco dedos pertencentes à mão direita (o que explicou o fato de um pedaço de argila ter sido atirado sobre a mesa, através do orifício da cortina, no fim da sessão) prova evidente de que não estávamos alucinados.

Esses fatos se repetiram várias vezes, sob a mesma forma ou sob forma muito pouco diferente, nas sessões de 9, 13, 15, 17 e 18 de outubro.

Conclusão

Assim, pois, todos os fenômenos maravilhosos que observamos na escuridão completa, ou quase completa, obtivemo-los também sem perder de vista a médium, nem um

instante. Por isso, a sessão de 6 de outubro foi para nós a prova evidente e absoluta da exatidão das nossas observações anteriores na escuridão; foi a prova incontestável de que, para explicar os fenômenos na completa escuridão, não é absolutamente necessário supor uma fraude da médium, nem uma ilusão nossa; foi para nós a prova de que esses fenômenos podem resultar de uma causa idêntica à que os produz, quando a médium está visível, com uma luz suficiente para se lhe verificar a posição e os movimentos.

Publicando este curto e incompleto relatório das nossas experiências, temos também o dever de dizer que as nossas convicções são as seguintes:

1º- Que, nas circunstâncias dadas, nenhum dos fenômenos obtidos à luz mais ou menos intensa se poderia produzir com o auxílio de um artifício qualquer;

2º- Que a mesma opinião pode ser mantida em grande parte para os fenômenos da escuridão completa.

Apenas para alguns destes podíamos admitir, a rigor, a possibilidade de os imitar, por meio de qualquer hábil artifício da médium; todavia, segundo o que dissemos, é evidente que esta hipótese seria, não somente *improvável*, mas ainda *inútil*, no caso atual, pois que, mesmo admitindo-a, o conjunto dos fatos nitidamente provados não seria absolutamente atingido por ela.

Reconhecemos aliás que, sob o ponto de vista da ciência exata, as nossas experiências deixam ainda a desejar, porquanto foram empreendidas sem que pudéssemos saber do que tínhamos necessidade, e os diversos aparelhos que empregamos foram preparados e improvisados sob os cuidados dos Srs. Fínzi, Gerosa e Ermácora.

Todavia, o que vimos e verificamos basta, a nosso ver, para provar que esses fenômenos são bem dignos da atenção dos sábios.

Consideramo-nos no dever de exprimir publicamente o nosso reconhecimento ao Sr. Dom Ércole Chiaia, que prosseguiu durante longos anos com tanto zelo e paciência, a despeito dos clamores e difamações, no desenvolvimento da faculdade

mediúnica dessa médium notável, chamando para ela a atenção dos homens de estudo e não tendo em vista senão um único fim: *a vitória de uma verdade impopular.*

Alexandre Aksakof, Diretor do jornal “Os Estudos Psíquicos”, em Leipzig, Conselheiro de Estado de S. M. o Imperador da Rússia.

Giovanni Schiaparelli, Diretor do Observatório Astronômico de Milão.

Carl Du Prel, Doutor em Filosofia, de Munique.

Angelo Brofferio, Professor de Filosofia.

Giuseppe Gerosa, Professor de Física da Escola Real Superior de Agricultura de Portici.

G. B. Ermácora, Doutor em Física.

Giorgio Fínzi, Doutor em Física.

Charles Richet, Professor da Faculdade de Medicina de Paris, Diretor da “Revista Científica”.

César Lombroso, Professor da Faculdade de Medicina de Turim.

Conclusões de Charles Richet

E agora, que se pode concluir? – diz o sábio professor, depois de ter narrado minuciosamente as principais experiências. – Pois não basta enumerar as experiências, é preciso tirar-lhes as conseqüências.

Se, como não é absoluto, tivéssemos obtido um resultado inteiramente decisivo, eu não hesitaria um instante em proclamar publicamente a minha opinião, pouco me incomodando com o desfavor público, pois não seria a primeira vez que me achasse em desacordo com a maioria, mesmo quase com a unanimidade dos meus colegas; as dúvidas, que não temo confessar, são, pois, dúvidas reais, não dúvidas de timidez ou de hesitação em meu pensamento.

Certamente, se se tratasse de provar algum fato simples e natural, quase evidente *a priori*, ou não contradizendo os dados científicos vulgares, eu estaria plenamente satisfeito: as provas seriam largamente satisfatórias e me pareceria quase inútil continuar, tão brilhantes e conclusivos parecem ser os fatos acumulados nessas sessões; mas trata-se de demonstrar fenômenos verdadeiramente absurdos, contrários a tudo o que os homens, o vulgo e os sábios têm admitido há milhares de anos.

É um desmoronamento completo de todo o pensamento humano, de todas as suas experiências; é um mundo novo que se abre diante de nós e, por conseqüência, não é possível ser muito reservado na afirmação desses estranhos e assombrosos fenômenos.

* * *

Por minha parte admito que se Eusápia engana, o faz, não propositadamente, mas sim sem o saber... pois há na produção desses fenômenos, mesmo quando não fossem sinceros, uma parte bastante grande de inconsciência...

Quanto à opinião das pessoas que acompanharam Eusápia durante muito tempo, seria de grande valor se se tratasse de fenômenos vulgares e ordinários; mas os fatos de que se trata são

surpreendentes demais para que a crença de uma pessoa, não habituada à experimentação, determine a minha própria crença.

Estou bem certo da boa fé do Sr. Chiaia e de outros homens distintos que têm, durante meses e anos, observado Eusápia, mas a sua perspicácia não me está demonstrada e posso falar assim sem os magoar, pois desconfio da minha própria...

É preciso, antes de tudo, afastar a hipótese de um comparsa... e, se há fraude, é Eusápia, só, quem a executa, sem ser ajudada por ninguém e sem que ninguém perceba.

Ademais, se essa fraude existe, é feita sem aparelho, por meios muito simples, quase infantis. Eusápia não traz nenhum objeto consigo.

Resta então a única hipótese possível, a de Eusápia enganar, remexendo os objetos com os seus pés ou com as mãos, depois de ter desprendido as mãos e pés das mãos e pés dos seus vizinhos.

Se esta hipótese não explica, é racional crer-se na realidade dos fenômenos.

Pois bem, confesso, essa explicação por movimentos dos seus pés e mãos não me satisfaz. Em algumas experiências – por exemplo, a da cadeira que veio detrás da cortina colocar-se sobre o braço do Sr. Fínzi, em meia escuridão – não posso conceber como a mão de Eusápia pôde desprender-se e como, estando desprendida, pôde executar esses movimentos. Declaro-me incapaz de compreender.

Mas, por outro lado, trata-se de fatos tão absurdos que é bom não se satisfazer rapidamente. As provas dadas seriam bem suficientes para uma experiência de Química; para uma experiência de Espiritismo não bastam...

Em definitivo: *por mais absurdas e ineptas que sejam as experiências feitas por Eusápia, parece-me bem difícil atribuir os fenômenos produzidos à fraude consciente, ou inconsciente, ou a uma série de fraudes. Todavia, a prova formal, irrecusável, de que não é uma fraude de Eusápia e uma ilusão nossa, não na temos. É preciso, pois, continuar de novo até obtermos uma prova irrecusável.*

Charles Richet

Moldes dos pés de Espíritos materializados com o auxílio da parafina

Eis o que nos diz a esse respeito o Sr. Aksakof, na sua já citada obra:

Essas experiências podem ser divididas em quatro categorias, segundo as condições em que se produzem:

- 1) O médium está isolado; o agente oculto fica invisível.
- 2) O médium está em evidência, o agente oculto está invisível.
- 3) O médium está isolado; o agente oculto aparece.
- 4) O agente e o médium são simultaneamente visíveis aos espectadores.

Neste nosso trabalho, iremos apresentar apenas o 3ª caso.

3 – O agente está visível, o médium está isolado

Na experiência realizada em Belper (Inglaterra) o Sr. W. P. Adshead empregou uma gaiola, construída especialmente para nela ser encerrada a médium, durante as sessões de materialização, a fim de resolver definitivamente esta questão: a figura materializada é ou não uma pessoa distinta da médium?

Essa questão foi resolvida afirmativamente.

A médium, a Srta. Wood, foi colocada em uma gaiola, cuja porta se fechou com parafusos. Foi nessas condições que se viu aparecerem dois fantasmas: o de uma mulher conhecida pelo nome de Meggie e o de um homem chamado Benny.

Ambos saíram do gabinete; em seguida materializaram-se e desmaterializaram-se diante dos assistentes e, enfim, procederam sucessivamente à moldagem de um dos seus pés, na parafina.

Foi Meggie quem primeiramente tentou a operação. Saindo do gabinete, ela aproximou-se do Sr. Smedley e colocou a mão nas costas da cadeira por ele ocupada. O Sr. Smedley perguntou se o espírito precisava da cadeira; Meggie fez com a cabeça um sinal afirmativo.

Ele levantou-se e colocou a cadeira diante de dois baldes, em um dos quais havia água quente com uma camada de parafina derretida na superfície, e no outro água fria.

Meggie sentou-se, ergueu seus longos vestidos e começou a mergulhar o pé esquerdo alternativamente na parafina derretida e na água fria, continuando esse movimento até que o molde ficasse concluído.

O fantasma estava tão bem encoberto pelas suas vestimentas, que não nos foi mais possível reconhecer o operador. Um dos assistentes, iludido pela vivacidade dos movimentos, exclamou: “É Benny”. Então a aparição colocou a mão sobre a do Sr. Smedley, como para lhe dizer: “Toque para saber quem sou”. “É Meggie, que acaba de me estender a sua pequena mão”, proferiu o Sr. Smedley.

Quando a camada de parafina adquiriu espessura desejada, Meggie descansou o pé esquerdo sobre o joelho direito e ficou nessa posição cerca de dois minutos; depois elevou o molde, segurou-o algum tempo no ar e deu-lhe uma pancada, de maneira que todos os presentes pudessem vê-lo e ouvir as pancadas; depois, a meu pedido, mo entregou e eu o depusitei em um lugar seguro.

Meggie tentou em seguida a mesma experiência com o pé direito, mas, depois de o ter molhado duas ou três vezes, levantou-se, provavelmente em consequência do esgotamento das suas forças, retirou-se para o gabinete e não mais voltou.

A parafina que tinha aderido a seu pé direito foi em seguida achada sobre o soalho do gabinete.

Chegou então a vez de Benny, que fez um cumprimento geral, e, segundo seu hábito, descansou sua grande mão sobre a cabeça do Sr. Smedley; tomou a cadeira que se lhe dava e colocou-a diante dos baldes; sentou-se e neles começou a mergulhar o pé esquerdo alternadamente, como o tinha feito Meggie, mas com muito mais agilidade.

A rapidez dos seus movimentos dava-lhe a aparência de uma pequena máquina a vapor, conforme a comparação de um dos assistentes.

A fim de dar aos leitores uma idéia exata das condições favoráveis em que se achavam os assistentes, para seguir as operações, direi que, durante a moldagem do pé de Benny, o Sr. Smedley estava sentado imediatamente à direita do fantasma, de sorte que este pôde descansar a mão sobre a sua cabeça e acariciar-lhe a face.

Eu estava à esquerda de Benny e tão próximo que pude tomar o molde que ele me entregava, sem deixar o meu lugar; as pessoas que ocupavam a primeira fila de cadeiras estavam distanciadas dos dois baldes cerca de três metros.

Todos podiam acompanhar muito bem a operação, desde a primeira imersão do pé até a terminação do molde; o fenômeno é para nós um fato tão verdadeiro quanto a claridade do Sol ou a queda da neve.

Se alguém de entre nós tivesse suspeitado que a médium empregava qualquer artifício sutil, para nos oferecer o molde do seu próprio pé, que é pequeno, a suspeita teria desaparecido infalivelmente, à vista do molde do pé esquerdo de Benny, que por este me foi entregue logo depois de tê-lo tirado, em presença de todos os assistentes. Não pude então reter a exclamação: “Que diferença!”

Quando Benny acabou a moldagem, colocou a cadeira em seu lugar e aproximou-se dos espectadores, apertando-lhes as mãos e conversando com eles.

De repente, ele lembrou-se de que, a seu pedido, a porta da gaiola tinha ficado entreaberta e, querendo provar-nos que apesar dessa circunstância a médium não tinha intervindo em nada na experiência, encostou a mesa na porta da gaiola, depois de a ter fechado, segurou o meu braço com as duas mãos, apertou-o com força sobre a mesa, como se quisesse dizer-me que eu não devia deixá-la deslocar-se nem uma polegada; em seguida, inclinou-se para apanhar uma caixa de música, que encostou à gaiola, em posição inclinada, com uma aresta apoiada contra a porta da gaiola, a outra repousada no soalho, de sorte que ao abrir-se a porta infalivelmente derrubaria a caixa. Nesse meio tempo Benny despediu-se e desapareceu.

Resta-me assegurar que a mesa não se mexeu; que depois da sessão, a caixa de música foi achada encostada à gaiola, no mesmo lugar, e que a médium estava dentro dela, amarrada à cadeira, e em estado de letargia.

De tudo o que precede é preciso concluir que os moldes em parafina foram obtidos em condições tão conclusivas, como se a porta da gaiola tivesse sido fechada com parafusos.

Admitindo mesmo que a experiência com a gaiola deixasse a desejar, os resultados adquiridos não exigem menos uma explicação.

Em primeiro lugar, um indivíduo não tem senão um único pé esquerdo, ao passo que os moldes, por nós obtidos, pertencem a dois pés esquerdos, dessemelhantes pelas suas dimensões e conformação: o pé de Benny tinha 9 polegadas de comprimento e 4 de largura, e o pé de Meggie, 8 de comprimento e 2 1/4 de largura. Além disso, o gabinete estava tão cuidadosamente vigiado que nenhum ser humano poderia nele penetrar, sem ser imediatamente descoberto.

Então, se os moldes em questão não foram tirados dos pés da médium – o que parece provado de maneira absoluta – quais foram pois os pés que serviram de modelo?”(*Psychische Studien*, dezembro de 1878, págs. 545 a 548; *Médium*, 1877, pág. 195.)

Espíritos de parentes de dois dos assistentes materializam-se em uma sessão do médium Eglington e são reconhecidos

Eis a narração da Srta. Glyn, tomada da biografia de Eglington por J. Farmer:

“Tenho assistido a diversas sessões de materialização, em casa de amigos, mas não fiquei realmente convencida, senão depois de realizar em minha casa uma sessão, à qual só assistiram meu pai, meu irmão e um amigo; nenhum deles era espírita.

Abaixei a luz, mas de maneira que pudéssemos ver uns aos outros.

Eglington, que se achava no meio deles, caiu logo em letargia, e cinco ou seis minutos depois ficamos muito impressionados, vendo uma forma de nuvem passar entre mim e o Sr. Eglington.

Meu pai reconheceu nessa forma a sua falecida mãe e exclamou: “Sois vós?” “*Sim*”, respondeu a forma.

Enquanto a olhávamos, uma outra forma menor veio colocar-se entre mim e a primeira e, por diversas provas características e íntimas, reconheci que era um irmão meu que havia falecido doze ou treze anos antes.

Vendo essas duas formas e ao mesmo tempo o Sr. Eglington, que se achava junto a mim e cujas mãos estavam presas, era-me impossível não ficar convencida da realidade do fenômeno.

As formas desapareceram lentamente, como se tornassem em fumaça no ar.”

Narrativa sobre o fenômeno de materialização, pelo Sr. Bodisco, camarista de S. M., o Czar da Rússia

Na Rússia, Aksakof tem obtido moldes das mãos de Espíritos materializados, com a parafina derretida, o que é uma das provas mais esmagadoras da realidade do fenômeno.

Eis a narrativa das experiências de materialização com a médium, a Srta. K..., publicada pelo Sr. Bodisco, no *Initiation* de fevereiro de 1893:

“Não hesito, diz ele, em declarar que o corpo astral ou psíquico é o mais importante de todos os corpos da natureza, apesar de as ciências experimentais o ignorarem.

Esse corpo é governado por leis cujo estudo trará luz a muitos corações, consolando-se com uma prova real da vida futura.

Esse corpo constitui a única parte material do corpo humano, que é *imperecível*. É o *zoo-éter*, matéria primordial ou força vital.”

Quatro fotografias foram tiradas pelo Sr. Bodisco, as quais mostram os diversos graus de materialização, desde a aparição do fluido astral ou psíquico, circundando o corpo da médium, até a condensação de uma forma, da qual não se vê senão a cabeça, pois o resto do corpo parece vestido com uma espécie de gaze.

Ao lado da forma, vê-se a médium em letargia, na poltrona.

As fotografias oferecem os mesmos aspectos dos três desenhos do Sr. Keulemans, pintor inglês que muito tem estudado a materialização.

Ele fez muitos desenhos, durante e após as sessões; o primeiro representa a médium em letargia, com todo o peito circundado de uma substância nebulosa.

Ao cabo de pouco tempo, diz o Sr. Keulemans, vê-se (as sessões têm sido realizadas à meia-luz) a girar um objeto sombrio, com um ponto luminoso no meio. O segundo desenho mostra o ponto luminoso aumentando, assim como a parte nebulosa. O terceiro apresenta a forma materializada diante da

médium, que está de pé com os olhos fechados; um dos assistentes parece sustê-la.

Um laço fluídico, como uma cadeia de estrelas luminosas, liga a forma materializada à médium.

O Sr. Keulemans desenhou também diferentes luzes, que aparecem nessas sessões de materialização. A temperatura das luzes encarnadas *é a do sangue humano quente*; são espécies de discos brilhantes, que são muitas vezes seguros por mãos luminosas. Certas partes desse discos assemelham-se exatamente à matéria cinzenta do cérebro; seu poder radiante é mais ou menos notável. Pode-se supor que esses discos sejam a matéria radiante ou a matéria ódica de Reichenbach, mas a mão luminosa que os segura torna a questão mais complexa.

“Algumas vezes, diz o Sr. Keulemans, essas luzes tomam a forma de uma cruz.”

Materialização de diversos Espíritos, que são reconhecidos

Havendo em São Francisco uma excelente médium, a Sra. Moore, tratou o Sr. H. J. Brown, com ela, uma sessão particular, à qual só a sua família assistiria.

A Sra. Moore fez que fosse examinado o quarto e o lugar onde ela se devia localizar.

Os pais do Sr. H. J. Brown materializaram-se e foram reconhecidos. A governanta dos seus filhos, a Sra. Réa, viu e reconheceu vários parentes, porém o mais curioso fenômeno foi a aparição de um sacerdote, que a Sra. Réa havia conhecido; ele apontou para a garganta, como se não pudesse falar, depois desapareceu.

Nessa época, a Sra. Réa não sabia que esse sacerdote tinha morrido; soube mais tarde, chegando a Nova Iorque, que ele havia falecido de *um cancro doloroso na garganta*.

O lado característico dessa sessão é que os assistentes acreditavam que, apontando para a garganta, a forma materializada do sacerdote queria dar a entender que não podia falar, ao passo que seu fim era indicar que ela tinha sido afetada na garganta.

Os dois fatos, reunidos, completam-se de maneira admirável.

Em outra sessão, com as mesmas pessoas, houve uma materialização não menos interessante.

Um mecânico chamado Charlie, que trabalhava com o Sr. Brown, na Austrália, acidentando-se por imprudência, foi conduzido moribundo para Melbourne e não pôde pronunciar senão algumas palavras; o Sr. Brown compreendeu que ele lhe recomendava a sua mulher, que, graças a uma subscrição, pôde manter uma pequena loja para não cair na miséria. “Empreguei tantos operários, diz o Sr. Brown, que certamente não podia pensar no que me aparecia materializado”. Assim, quando a sua forma materializada apareceu diante de mim, não a reconheci. De repente, minha mulher, que a tinha examinado, exclamou: “Mas este é o homem acidentado em nosso estabelecimento!”

A forma materializada mostrou um semblante satisfeito e fez sinal afirmativo com a cabeça; depois, aproximando-se, disse em voz baixa: “*Obrigado, obrigado*”. O que há de mais curioso nesse fato é que a aparição não se produziu na Austrália, após o incidente, mas muito tempo depois, na América, durante uma viagem, e quando esses detalhes estavam esquecidos.

Narração de uma experiência científica feita por Crookes e Varley, em uma das sessões de materialização do Espírito de Katie King

O Sr. Aksakof assim se exprime na sua bela obra:

Para ter certeza de que a Srta. Cook estava no interior do gabinete, durante o tempo em que Katie se apresentava diante dos assistentes, fora dela, o Sr. Varley⁸ concebeu a idéia de fazer atravessar o corpo da médium por uma fraca corrente elétrica, durante todo o tempo em que a forma materializada estivesse visível, e de fiscalizar os resultados, assim obtidos, por meio de um galvanômetro colocado no mesmo aposento, fora do gabinete.

A experiência realizou-se na residência do Sr. Luxmoore.

O compartimento do fundo, que devia servir de câmara escura, foi separado do da frente, por meio de uma cortina, para impedir a entrada da luz.

Antes da sessão, a câmara escura foi examinada cuidadosamente e as portas foram fechadas à chave.

O compartimento da frente estava iluminado por uma lâmpada de parafina, com um pára-luz que peneirava a luz.

O galvanômetro foi colocado sobre o fogão, à distância de 11 pés da cortina.

Os assistentes eram os Srs. Luxmoore, Crookes, a Sra. Crookes e a Sra. Cook com a filha, os Srs. Tapp, Harrison e eu (Varley).

A Srta. Cook ocupava uma poltrona no aposento do fundo.

Fixou-se, com borracha, a cada um dos seus braços, um pouco acima dos punhos, uma moeda de ouro, à qual estava soldada uma extremidade de fio de platina. As moedas estavam separadas da pele por três folhas de papel mata-borrão branco, de forte espessura, umedecido com uma solução de cloridrato de amônio. Os fios de platina passavam ao longo dos braços até às espáduas e foram atados por meio de cordões, de maneira a deixar aos braços a liberdade dos movimentos. As extremidades

exteriores dos fios de platina foram reunidas a fios de cobre, envoltos em algodão, e que chegavam até ao quarto iluminado onde se achavam os experimentadores. Os fios condutores foram ligados a dois elementos Daniel e a um aparelho de verificação.

Quando tudo estava preparado, fecharam-se as cortinas, deixando assim a médium (a Srta. Cook) na escuridão. A corrente elétrica atravessou o corpo da médium, durante toda a sessão.

Essa corrente, começando nos dois elementos, passava pelo galvanômetro, sobre os elementos de resistência, pelo corpo da Srta. Cook e voltava em seguida à bateria.

Antes da introdução da Srta. Cook na corrente e enquanto as duas moedas, que formavam os pólos da bateria, estavam reunidas, o galvanômetro marcava uma declinação de 300°.

Depois da introdução da Srta. Cook, as moedas de ouro foram colocadas nos seus braços, um pouco acima do punho, e o galvanômetro não marcou mais de 220°.

Assim, pois, o corpo da médium, introduzido na corrente, oferecia uma resistência à corrente elétrica equivalente a 80 divisões da escala.

O fim principal dessas experiências era precisamente conhecer a resistência que o corpo da médium podia oferecer à corrente elétrica.

O menor deslocamento dos pólos da bateria, que estavam fixados aos braços da Srta. Cook por borrachas, teria *inevitavelmente* produzido uma mudança na força de resistência oferecida pelo corpo da médium.

Ora, foi nessas condições que a figura de Katie apareceu várias vezes na abertura da cortina, mostrou as mãos e os braços, depois pediu papel e lápis e escreveu à vista dos assistentes.

Se as moedas e o papel mata-borrão tivessem sido deslocados para as espáduas, de maneira a ficarem libertados os braços da médium, o trajeto percorrido pela corrente elétrica, no corpo dela, teria sido diminuído pelo menos de metade e, por conseqüência, a resistência oferecida pelo corpo da médium teria

também diminuído de metade, ou seja, de 40°, e a agulha do galvanômetro se elevaria de 220° a 260°.

Entretanto, deu-se o contrário: desde o começo da sessão, não somente não houve nenhum aumento no desvio, mas ainda constante e gradualmente diminuiu até ao fim da experiência, sob a influência do dessecamento do papel molhado, circunstância essa que aumentou a resistência à corrente elétrica e diminuiu o desvio de 220° a 146°.

É certo que se uma dessas moedas de ouro tivesse sido deslocada, ainda que fosse de uma polegada, a declinação teria aumentado e a *fraude* da médium teria sido desmascarada; mas, como se disse, o galvanômetro não deixou de *abaixar*.

Ficou, pois, absolutamente demonstrado que as chapas de ouro, aplicadas nos braços da médium, não se deslocaram nem de um milímetro, que os *braços* que apareceram e que escreveram não eram os da médium e que, por conseqüência, o emprego da cadeia galvânica, para demonstrar a presença da médium atrás da cortina, deve ser considerado como garantia suficiente.

As variações das condições às quais a corrente elétrica estava submetida, passando pelo corpo da médium, eram indicadas pelo galvanômetro refletor, instrumento tão sensível que registraria a mais fraca corrente elétrica transmitida a 3.000 milhas por um cabo submarino.

Portanto, é claro que o *menor movimento da médium* teria provocado oscilações do aparelho; e teve-se a prova disso antes da experiência, como mostra o seguinte extrato de um artigo do Sr. Varley, onde todos os movimentos do galvanômetro são minuciosamente consignados, minuto por minuto:

“Antes que a médium caísse em transe (em letargia), pediu-se-lhe que fizesse movimentos com os braços; a mudança da superfície metálica, posta em contato real com o papel e o corpo, produziu um desvio, elevando-se de 15 a 20 divisões, ou mesmo mais, algumas vezes; por conseguinte, se, durante a sessão, a médium fizesse o menor movimento com as mãos, o galvanômetro tê-lo-ia infalivelmente indicado.

A Srta. Cook, na ocasião, representava um cabo telegráfico. (*Psychische Studien*, 1874, pág. 344.)

As moedas e o papel umedecido não podiam ser elevados ou retirado para trás, sem a médium se dirigir para o espectador, pois, para isso acontecer e ela mostrar os braços descobertos, era obrigada a arregaçar, até às espáduas, as mangas do seu vestido, com as moedas, as borrachas, as aplicações de papel, os fios de platina, os laços que os mantinham nos braços, e a fazer essa operação, primeiro em um braço, depois no outro; tudo isso não somente sem interromper durante *um só instante* a corrente elétrica (se a corrente tivesse sido interrompida ainda que por um décimo de segundo, o galvanômetro teria feito uma oscilação pelo menos de 290 divisões), como, também, sem provocar outras declinações além das resultantes do simples movimento das mãos.

Finalmente, teria de colocar em seu lugar, antes do fim da sessão, as mangas do vestido conservando os aparelhos sobre os braços.

Vimos, entretanto, que às 7:45 Katie repetia ainda a experiência da escrita, tendo inteiramente o braço fora da cortina, e que às 7:48 apertava a mão do Sr. Varley, e a sessão terminava.

Durante esses três minutos, o galvanômetro só registrou oscilações insignificantes, compreendidas entre 140° e 150°; era pois impossível à médium fazer os movimentos necessários para restabelecer o *statu quo ante*.

Katie só aparecia com um pano branco sobre a cabeça e o corpo.

Nessa sessão, ela levantou a cortina e mostrou-se várias vezes, em seu traje habitual.

Se fosse a médium que se apresentasse, tornar-se-ia necessário mudar de roupa, o que não era possível, por causa dos fios de cobre que estavam enrolados aos fios de platina e que terminavam no quarto iluminado.”

Qualquer discussão sobre isso torna-se supérflua, uma vez que o princípio físico no qual se baseava a experiência (a

apreciação da soma da resistência oferecida pelo corpo da médium à corrente elétrica) seja bem compreendido, e que se considere que o algarismo que representava essa força de resistência *nunca diminuiu*.

Mas há, ainda, o fenômeno que se relaciona com a categoria de experiências do Sr. Crookes: a médium é introduzida na corrente, mas, apesar disso, Katie sai inteiramente de trás da cortina.

Eis a passagem do *Psychische Studien*, que narra esse incidente:

“Na segunda sessão, foi o Sr. Crookes, só, quem dirigiu a experiência, na ausência do Sr. Varley, e obteve resultados semelhantes, tendo tomado a precaução de só deixar aos fios de cobre o comprimento necessário para permitir à médium mostrar-se na abertura da cortina, no caso em que ela saísse do lugar.

Entretanto, Katie avançou além da cortina, cerca de 6 a 8 pés, sem estar presa por nenhum fio, e a observação do galvanômetro não fez verificar nada de anormal, em nenhum momento.

Além disso, Katie, a pedido do Sr. Crookes, mergulhou as mãos em recipiente que continha iodeto de potássio, sem que resultasse a menor oscilação da agulha do galvanômetro.

Se os fios condutores tivessem estado em comunicação com a sua pessoa, a corrente se teria dirigido pelo caminho mais curto que lhe oferecia o líquido, o que teria ocasionado um mais forte desvio da agulha.” (*Psychische Studien*, 1877, pág. 342.)

M. Harrison, editor do *Spiritualist*, que assistiu à experiência e publicou no seu jornal a narração citada, fez aparecer no *Médium* a seguinte notícia, com a aprovação dos Srs. Crookes e Varley:

“Senhor Diretor:

Em conseqüência da minha presença a várias sessões recentes, durante as quais os Srs. Crookes e Varley dirigiram uma fraca corrente elétrica através do corpo da Srta. Cook, durante todo o tempo em que ela se achava no gabinete, ao mesmo tempo em que Katie estava fora dele, algumas

peças, que fizeram parte da sessão, pediram-me comunicasse-lhe os resultados obtidos nessas experiências, no desejo de que este artigo tenha por efeito proteger uma médium leal e honesta contra indignos ataques.

Quando Katie saiu do gabinete nenhum fio metálico aderiu à sua pessoa e durante todo o tempo em que ela se manteve no aposento, fora do gabinete, a corrente elétrica não sofreu nenhuma interrupção, o que teria inevitavelmente acontecido se os fios tivessem sido desenrolados dos braços da Srta. Cook, sem que as suas extremidades fossem imediatamente postas em contato.

Admitindo mesmo que se tivesse dado esse fato, a diminuição da resistência teria sido logo posta em evidência pela agulha do galvanômetro. Nas experiências de que se trata, ficou demonstrado que a Srta. Cook esteve no gabinete durante o tempo em que Katie se exibia cá fora.

As sessões realizaram-se nas casas dos Srs. Crookes e Luxmoore.

Antes de vos dirigir a presente carta, foi ela lida e aprovada pelos Srs. Crookes e Varley.

– 11 Ave Maria Lane, 17 de março de 1874.

William H. Harrison.”

A propósito dessas experiências com a corrente galvânica, devo mencionar ainda um meio de verificar a materialização e, por consequência, a realidade objetiva de uma aparição.

Esse método, que tinha sido sugerido ao Sr. Crookes pelo Sr. Varley, foi posto em execução pelo primeiro dos dois sábios.

Infelizmente, só possuímos sobre esses assuntos as explicações seguintes do Sr. Harrison:

“Os pólos opostos de uma bateria foram postos em comunicação com dois vasos cheios de mercúrio. O galvanômetro e a médium foram em seguida introduzidos no circuito. Quando Katie King mergulhou os dedos nesses vasos, a resistência elétrica não diminuiu e a corrente não aumentou de força; mas quando a Srta. Cook saiu do gabinete e umedeceu os

dedos no mercúrio, a agulha do galvanômetro indicou uma declinação considerável. Katie King apresentava à corrente uma resistência cinco vezes maior que a Srta. Cook.” (*The Spiritualist*, 1877, pág. 176.)

Dessa experiência podemos concluir que a condutibilidade elétrica do corpo humano é cinco vezes maior que a de um corpo materializado.

O que dizem os sábios

O Sr. Alfred Russel Wallace, da Sociedade Real de Londres

Eu era, diz Wallace, um materialista tão convencido, que não admitia absolutamente a existência espiritual, nem qualquer outro agente do Universo além da força e da matéria. Os fatos, entretanto, são coisas pertinazes.

A minha curiosidade foi primeiramente excitada por alguns fenômenos ligeiros, mas inexplicáveis, que se produziam em uma família amiga; o desejo de saber e o amor da verdade forçaram-me a prosseguir nas pesquisas.

Os fatos tornaram-se cada vez mais certos, cada vez mais variados, cada vez mais afastados de tudo quanto a ciência moderna ensina e de todas as especulações da filosofia dos nossos dias, e, afinal, venceram-me. Eles me forçaram a aceitá-los *como fatos*, muito antes de eu admitir a sua explicação espiritual – não havia nesse tempo, em meu cérebro, lugar para esta concepção –; pouco a pouco, um lugar se fez, não por opiniões preconcebidas ou teóricas, mas pela ação contínua de fatos sobre fatos, dos quais ninguém se podia desembaraçar de outra maneira.⁹

O Espiritismo está tão bem demonstrado quanto a lei de gravitação.¹⁰

O Coronel De Rochas

Tais são as questões que me proponho a estudar em um próximo livro intitulado *Fantômes des Vivants*, onde exporei a teoria do corpo fluídico, teoria que, admitida pelos filósofos do Oriente e pelos padres da Igreja, parece hoje se confirmar por provas objetivas.

Mas não é a ciência por excelência, a ciência para a qual tendem todos os que, ousando levar as suas investigações sobre

forças cada vez mais sutis, começam a entrever o momento em que o homem, convencido por provas experimentais de que, de seu corpo, pode destacar-se durante a vida alguma coisa que pensa e sente, concluirá que essa alguma coisa pode sobreviver à destruição da carne, e então substituirá por uma convicção inabalável o ato de fé vacilante que lhe pedem todas as religiões para regular a sua vida presente, em vista de uma vida futura? ¹¹

O Sr. César Lombroso ao Sr. Ernesto Ciolf, Nápoles

“Caro Senhor:

Os dois relatórios que me enviou são da mais completa exatidão. Acrescento que antes de se ter visto a farinha derramada, a médium tinha anunciado que pulverizaria com ela o rosto de seus vizinhos; e tudo leva a crer que era essa a sua intenção, o que não pôde realizar senão em parte, nova prova, a meu ver, da perfeita sinceridade da médium, reunida ao seu estado de semi-inconsciência.

Sinto-me envergonhado e pesaroso de ter combatido com tanta insistência a possibilidade dos fatos espíritas, digo fatos, porque ainda fico oposto à teoria.

Queira saudar, em meu nome, ao Sr. E. Chiaia e fazer examinar, se possível, pelo Sr. Albini, o campo visual e o fundo dos olhos da médium, sobre os quais desejo orientar-me.

Turim, 25 de junho de 1891.

Seu bem devotado

D. Lombroso.”

* * *

Em janeiro de 1897 escrevemos ao eminente sábio sobre assunto espírita; ele dignou-se enviar-nos a seguinte carta:

“Caro Senhor:

Respondo a V. S. o mesmo que já tenho respondido a muitos outros: que sem dúvida os fenômenos espíritas são verdadeiros e que é impossível dar-lhes uma interpretação.

A ciência fisiológica é absolutamente impotente para isso; mas a ciência humana tem limites bastante restritos.

Quem se não riria a poucos anos dos fenômenos que hoje todos verificam: *os raios Roentgen?*

Turim, 26 de fevereiro de 1897.

Seu devotado

C. Lombroso.”

* * *

Como vemos, o ilustre sábio diz que a Ciência, em razão dos seus limites assaz restritos, negava a realidade dos fatos espíritas, como a poucos anos qualquer pessoa se riria de quem tentasse fotografar através de corpos opacos, mas que atualmente considera verdadeiros tanto aqueles fatos como os raios Roentgen.¹²

O Sr. William Crookes, da Sociedade Real de Londres

No discurso que o ilustre sábio fez em setembro de 1898, no Congresso da Associação Britânica, disse:¹³

“Trinta anos se passaram desde que publiquei as atas das experiências tendentes a mostrar que fora dos nossos conhecimentos científicos existe uma força posta em atividade por uma inteligência diferente da inteligência comum a todos os mortais. Nada tenho que retratar dessas experiências e mantenho as minhas verificações já publicadas, podendo mesmo a elas acrescentar muita coisa.”

Na obra *No Invisível*, de Léon Denis, encontram-se as seguintes palavras, pronunciadas pelo mesmo sábio: “O Espiritismo está cientificamente demonstrado.”

O Sr. Alfredo Erny, na obra *O Psiquismo Experimental*, diz que escreveu ao Sr. Crookes, em 1892, perguntando-lhe se Katie King lhe fez algumas revelações sobre o outro mundo, e que recebeu do ilustre químico a seguinte resposta:

“Tive muitas conversações com Katie King e naturalmente lhe fiz várias perguntas a respeito do outro mundo. As respostas não satisfizeram. Geralmente ela dizia que estava proibida de dar essas informações.”

O Doutor Ermácora

“Poucos sábios têm sido tão incrédulos quanto eu a respeito dos fenômenos espíritas; aqueles que duvidarem disso poderão reportar-se aos meus dois livros *Pazzi e Anomali e Studi sull'Ipnotismo*, nos quais eu quase injurieei os espíritas.”¹⁴

O Professor Myers, da Sociedade Real de Londres

O Sr. Myers na sua comunicação ao Congresso Oficial de Psicologia de Paris,¹⁵ depois de ter enumerado os fenômenos obtidos na estado de transe pelas Sras. Piper e Thompson conclui dessa maneira:

“A maior parte dos fatos enunciados sugerem o caráter e a memória de certas pessoas mortas. Estou convencido de que essa *substituição de personalidade ou possessão* é um progresso sensível na evolução da raça.”

“Pelas minhas experiências convenci-me de que os pretendidos mortos podem se comunicar conosco e penso que para o futuro eles poderão fazê-lo de um modo mais completo. Graças a essa nova ciência os nosso amados sairão do tumulo.”¹⁶

O Doutor Ashburner

“Presenciei, muitas vezes, manifestações mediúnicas e, embora eu quisesse, não poderia repudiar as provas que tive diante dos olhos. Sinto-me feliz em dizer que atualmente há

milhares de pessoas que, como eu, não podem duvidar do que viram.”¹⁷

O Doutor Giuseppe Masucci

Esse eminente professor, depois de ter assistido às sessões da médium Eusápia Paladino, disse:

“Fui obrigado a demolir todo o edifício das minhas convicções filosóficas, às quais eu tinha consagrado parte da minha vida.”¹⁸

O Engenheiro Cromwel Varley, da Sociedade Real de Londres

“No Antigo e no Novo Mundo, não conheço exemplo de um homem de bom senso que, tendo estudado com cuidado os fenômenos espíritas, não se tenha rendido à evidência.”¹⁹

O Doutor Ochorowicz

“Quando me lembro de que, em uma certa época, eu admirava a coragem de Crookes em sustentar a realidade dos fenômenos mediúnicos; quando reflito, sobretudo, que li as suas obras com o sorriso estúpido que iluminava o rosto dos seus colegas, ao mais leve enunciado dessas coisas, coro-me de vergonha por mim e pelos outros.”²⁰

O Doutor Lodge, da Sociedade Real de Londres

“A barreira que separa os dois mundos – espiritual e material – pode cair gradualmente, como muitas outras barreiras, e chegaremos a uma percepção mais elevada da unidade da Natureza...”²¹

No discurso pronunciado na Sociedade Real de Londres, em 31 de janeiro de 1902, assim se exprime ele:²²

“Uma máquina elaborada, como o são os nossos corpos, pode ser empregada, no caso de transe, não somente pela inteligência que o formou, por assim dizer, mas também por outras inteligências, às quais se permite fazer uso dela. Naturalmente, isso só se realizaria por um certo tempo e com bastante dificuldade.”²³

O Doutor Richard Hodgson

“Há doze anos que estudo a mediunidade da Sra. Piper. No começo, eu só queria descobrir nela a fraude e o embuste. Entrei em sua casa profundamente materialista, com o intuito de desmascará-la; hoje, digo simplesmente: Eu creio! A demonstração me foi feita de modo a afastar a possibilidade da menor dúvida.”²⁴

Sessão de materialização em Paris, em 1900

A *Revue Spirite*, de Allan Kardec, de 1900, traz a descrição de várias sessões de materialização realizadas naquele ano, em Paris, com o concurso da Sra. Corner, a célebre Florence Cook de William Crookes.²⁵ Por falta de espaço, traduzimos apenas uma delas.

“No domingo, 22 de julho de 1900, às 9 horas da noite, reuniram-se em um hotel o Príncipe Wiszniewsky, a Princesa Wiszniewsky, o Sr. Doutor Bécour, as Sras. Bécour e Leymarie, o Sr. e Sra. Béra, o Sr. Côte, e o Sr. Martins Velho.

Às 9:15 da noite, os convidados dirigiram-se para a sala das sessões.

O gabinete era formado, no ângulo da única porta da sala, por duas cortinas de pano espesso e preto, caindo do teto ao soalho.

No interior do gabinete apenas havia uma cadeira, pregada no soalho; nessa cadeira é que a médium se sentava.

A Sra. Corner é uma mulher de cerca de quarenta anos de idade, morena, de cabelos muito pretos, de porte baixo, mas forte.

Ela senta-se na cadeira; está com um vestido escuro, decotado, tem as mangas curtas, com renda branca flutuante. Amarram-se-lhe as mãos com uma fita que aperta, primeiro, cada punho, fortemente; depois, as mãos são reunidas, deixando-se entre elas um intervalo de cerca de dez centímetros. O corpo é amarrado por uma outra fita presa às costas da cadeira; por fim, a fita dos punhos é amarrada à do corpo. Todas as extremidades livres das fitas são seladas com um cartão. Nessa situação, a médium não pode levantar-se nem se servir das mãos a mais de dez centímetros do corpo; tem todavia a liberdade de se abanar, em vista do calor sufocante do gabinete.

Em seguida, apagam-se as luzes, exceto a que é produzida por uma lanterna guarneçada de papel vermelho. A claridade é suficiente para que ninguém possa deixar o lugar em que está,

sem ser percebido por todos. Os assistentes estão sentados em semicírculo, formando a cadeia diante das cortinas.

Depois de dez minutos de espera, ouve-se a voz do “capitão”; é uma voz rouca e pouco natural. Ele só se exprime em inglês.

O “capitão” repreende asperamente a médium por agitar o leque, e lhe diz que esses movimentos embaraçam o trabalho. Uma curta discussão se trava entre ele e a Sra. Corner, terminando pela queda do leque, violentamente projetado pela abertura das cortinas, em direção aos assistentes: o mesmo acontece com o colar da médium. Em seguida, um grande braço branco e descoberto aparece. Alguns instantes depois, “Maria” mostra-se na abertura das cortinas.

“Maria”, mais alta que a médium, traz um comprido vestido branco decotado e tem descobertos os braços, que parecem muito bem feitos. Ela cochicha em francês correto, mas diferente sensivelmente do francês da médium.

O Sr. Côté entregou a “Maria” uma caixa de jóias e esta foi levá-la ao Príncipe W..., que disse ter podido tocar as suas mãos, seu rosto e seu peito; uma vez ele sentiu o contato de mão de homem, que supõe ser do “capitão”. Como sobre a mesa estivesse um papelão luminoso, “Maria” o tomou e o aproximou do rosto do Sr. Côté, depois ela apanhou um lápis e um papel que estavam na mesa e, com um ruído seco, automático e com os movimentos bruscos e mal regrados, conhecidos por todas as pessoas que têm assistido à escrita mecânica por médiuns, traçou rapidamente algumas palavras de despedida.

Nesse momento, ouve-se a voz de “Su-Su”, que deseja aparecer; depois de ligeira discussão, o “capitão” permite que ele apareça. Finalmente, um homem baixo e moreno é percebido, não muito bem, ao lado das cortinas; sua presença parece perturbar as manifestações, que se enfraquecem cada vez mais, apesar da recomendação feita aos assistentes de sustentarem uma conversação animada. O papelão luminoso é restituído pela abertura da cortinas e, logo, nesse lugar do gabinete, produzem-se fogos fátuos, que volteiam. Depois de longo repouso, o

“capitão” anuncia o fim da sessão, recomenda os cuidados a ter com a médium e despede-se.

Clareia-se a sala e os assistentes verificam que a médium está sentada e ligada à cadeira, como no começo da sessão, estando intactos os nós e o lacre.”

Uma manifestação interessante

O extraordinário médium D. D. Home narra o seguinte caso, na sua obra *Life and Mission*:

“Quando eu residia em Springfield, tive uma grave moléstia que me reteve ao leito durante algum tempo. Um dia, na ocasião em que o médico se retirava, um Espírito me deu esta comunicação: *“Tomai o trem da tarde para Hartford, pois se trata de um negócio importante para o progresso da causa; não repliqueis, fazei simplesmente o que vos dizemos”*.

Dei conhecimento à minha família dessa extraordinária ordem e, apesar do meu estado de fraqueza, tomei o trem, ignorando completamente o que eu ia fazer e o objetivo de tal viagem.

Ao chegar a Hartford, veio ao meu encontro um estrangeiro, que me disse: “Só tive ocasião de vos ver uma única vez, mas creio que falo com o Sr. Home.” Respondi-lhe afirmativamente, acrescentando que eu chegava a Hartford sem nenhuma idéia do que se queria da minha pessoa. “É engraçado! – replicou o meu interlocutor –, eu vinha exatamente tomar o trem para vos ir procurar em Springfield.” Explicou-me ele, então, que uma família influente, bem conhecida, me pedia para eu fazer-lhe uma visita e prestar o meu concurso às investigações que ela desejava fazer sobre o Espiritismo. O fim da viagem começava, pois, a desenhar-se, mas o mistério permanecia ainda velado.

Agradável trajeto em carruagem conduziu-nos logo ao nosso destino. O dono da casa, o Sr. Ward Cheney, que veio receber-me à porta, saudou-me, dizendo que não esperava que eu chegasse senão no dia seguinte pela manhã.

Logo que entrei no vestíbulo, a minha atenção foi atraída por um ruído semelhante ao farfalhar de um pesado vestido de seda. Olhei ao redor de mim e fiquei surpreendido de não ver ninguém; passamos, então, a uma das salas e não me preocupei mais com esses incidente.

Pouco depois, vi no vestíbulo uma velha baixa, com pesado vestido de seda escura, a qual parecia muito preocupada. Aí

estava a explicação desses mistérios; eu tinha ouvido, sem ver, essa pessoa que ia e vinha pela casa.

Repetindo-se o farfalhar do vestido, o Sr. Cheney, que o tinha ouvido ao mesmo tempo em que eu, perguntou-me de onde vinha esse ruído. “Ora esta! – respondi –, é do vestido de seda escura dessa velha que vejo no vestíbulo.” Quem seria essa pessoa? A aparição era, efetivamente, tão perfeita que eu não duvidava que fosse uma criatura em carne e osso. Como o resto da família chegasse naquele instante, as apresentações impediram o Sr. Cheney de me responder e, naquele momento, eu não tive mais ocasião de obter informações.

Tendo sido servido o jantar, fiquei admirado de não ver à mesa a senhora do vestido de seda; esses fatos despertaram a minha curiosidade e essa senhora tornou-se logo para mim um objeto de preocupação.

Quando todos deixaram a sala de jantar, ouvi de novo o farfalhar do vestido de seda e, também, uma voz disse: *“eu estou aborrecida porque colocaram um caixão sobre o meu; não quero que ele fique ali”*.

Tendo eu dado parte dessa comunicação ao dono da casa e à sua mulher, eles se olharam com admiração e, em seguida, o Sr. Cheney, rompendo o silêncio, me disse que reconhecia perfeitamente esse vestido, a sua cor e mesmo seu gênero de seda espessa, mas que o fato do caixão colocado sobre o dela era um absurdo. Essa resposta me tornou perplexo; eu não sabia mais o que dizer.

Uma hora depois, ouvi de repente a mesma voz pronunciar exatamente idênticas palavras, porém acrescentando o seguinte: *“Além disso, Seth não tinha o direito de cortar essa árvore”*. Tendo narrado ao dono da casa essa nova comunicação, ele ficou muito inquieto. “Há, em tudo isso, disse-me ele, alguma coisa bem extraordinária. Meu irmão Seth cortou uma árvore que embaraçava a vista, e dissemos-lhe que, se a pessoa que ora pretende falar-vos fosse viva, não consentiria no corte dessa árvore. Quanto ao resto da comunicação, afirmo que não tem nada de racional.”

A mesma comunicação me foi dada à noite pela terceira vez, e me expus de novo a um desmentido formal. Eu estava sob o golpe de uma impressão muito penosa, quando me recolhi ao quarto, pois nunca tinha recebido comunicação mentirosa, e mesmo admitindo o bom senso do seu agravo, semelhante insistência, da parte de um Espírito desencarnado de não querer que um outro caixão fosse colocado sobre o seu, me parecia absolutamente ridícula.

Pela manhã, manifestei ao dono da casa o meu profundo desapontamento, respondendo-me que também estava muito sentido, mas ia provar-me que esse Espírito – se realmente era aquele que dizia ser – estava perfeitamente enganado. “Vamos até ao jazigo de minha família – acrescentou –, e vereis que, embora tivéssemos querido, não fora possível colocar um outro caixão em cima do dela.”

Logo que chegamos ao cemitério, fomos procurar o coveiro, que guardava a chave do jazigo. Na ocasião em que ele ia abrir a porta, pareceu refletir e disse com um ar um tanto embaraçado, voltando-se para o Sr. Cheney: “Devo participar a V.S. que, como restava justamente um pequeno espaço em cima do caixão da Sra. X, coloquei ali o caixãozinho do filho de L... Penso que isso não tem importância, mas talvez fora melhor que eu vos tivesse prevenido disso. Ele está lá desde ontem apenas.”

Nunca me hei de esquecer do olhar que me lançou o Sr. Cheney, quando me disse, voltando-se para mim: “Meu Deus, é pois uma verdade!”

À noite, o Espírito manifestou-se de novo e disse-nos: *“Não acrediteis que eu ligue a menor importância ao caixão colocado sobre o meu; pode ser colocada até uma pilha de caixões, com isso não me incomodo. O meu único fim era dar, de uma vez para sempre, prova da minha identidade, de vos levar à convicção absoluta de que sou sempre um ser vivo e racional, a mesma E... que sempre fui.”*

FIM

Notas:

¹ *O Espiritismo (Faquirismo Ocidental)* tradução portuguesa. Edição da Federação Espírita Brasileira.

² As considerações seguintes são de tal modo importantes que não posso abster-me de citá-las.

Acha-se em carta particular de um velho amigo, a quem enviei uma exposição de alguns desses fatos.

A alta posição que ele ocupa no mundo sábio duplica o valor da opinião que exprime no tocante à tendência dos cientistas.

“Não posso – diz ele – encontrar resposta razoável aos fatos que me expondes.

“E é coisa curiosa que mesmo eu, qualquer que seja a tendência e o desejo que tenha de crer no Espiritualismo, qualquer que seja a minha fé no vosso poder de observação e na vossa perfeita sinceridade, experimento como uma necessidade de ver por mim mesmo, e me é de todo penoso pensar que tenho necessidade de muitas provas.

“Digo penoso, porque vejo que não há razão que possa convencer um homem, a menos que o fato se repita tão freqüentemente, que então a impressão pareça tornar-se um hábito de espírito, um velho conhecimento, uma coisa conhecida desde tão longo tempo que se não possa mais duvidar dela.

“É um dos lados curiosos do espírito humano, e os homens de ciência o possuem em alto grau – mais que os outros, creio eu.

“É por isso que não devemos dizer sempre que um homem é desleal só porque resiste por muito tempo à evidência.

“A velha muralha das crenças deve ser abatida à força de golpes.”

³ Nesta memória não dou exemplos desses casos excepcionais e não tiro deles nenhum argumento.

Sem esta explicação poder-se-ia crer que a maior parte dos fatos que acumulei foram obtidos sobretudo nas poucas

ocasiões das quais aqui trato e, naturalmente, se objetaria que há insuficiência de exame por falta de tempo.

⁴ Desejo que se compreenda bem o sentido das minhas palavras: não quero dizer que a vontade e a inteligência do médium se empreguem ativamente de uma maneira consciente ou desleal à produção dos fenômenos, mas que acontece algumas vezes que as suas faculdades parecem agir de maneira inconsciente.

⁵ *Animismo e Espiritismo*, por Alexandre Aksakof, lente da Academia de Leipzig, diretor da *Psychische Studien* e Conselheiro particular de S.M., o Imperador da Rússia.

⁶ Crookes convenceu-se, pois obteve essa prova. “Tenho a certeza *mais absoluta*, diz o ilustre sábio, de que a Srta. Cook e Katie são duas individualidades distintas.” (vide o capítulo *Última aparição de Katie King*, nesta obra).

⁷ Cada médium só pode produzir certos e determinados fenômenos, pois isso parece depender da natureza dos fluidos que possui, com os quais a inteligência invisível maneja.

O sábio astrônomo Zöllner fez suas experiências com o médium Slade, obtendo não só os fenômenos que Eusápia não pôde produzir, como outros verdadeiramente maravilhosos.

Slade foi quem convenceu o Dr. Paul Gibier, que proclamou com todas as suas forças a realidade dos fatos espíritas.

Com outros médiuns tem sido obtido o molde de mãos e pés de Espíritos materializados, na parafina derretida, à vista dos assistentes. (Vide *Trabalho dos Mortos*, de Nogueira de Faria, e o capítulo *Moldes dos pés de espíritos*, nesta obra.)

⁸ M. Varley é um distinto físico inglês, especialista de nomeada em colocação de cabos telegráficos, membro da Sociedade Real de Londres.

⁹ *Miracles and Modern Spiritualism* – Alfred Russel Wallace.

¹⁰ *No Invisível*, por Leon Denis, pág. 342. – Edição da Federação Espírita Brasileira.

¹¹ *L'Exteriorisation de la Motricité*, pelo Coronel A. de Rochas, membro honorário da Comissão dos Trabalhos Históricos

Científicos, junto ao Ministério da Instrução Pública, ex-Administrador da Escola Politécnica de Paris.

- ¹² Posteriormente, em 1909, Lombroso publicou um excelente livro, *Hipnotismo e Espiritismo*.
- ¹³ *Revue Spirite*, de A. Kardec, de fevereiro de 1899 e *No Invisível*, por Léon Denis, pág. 310.
- ¹⁴ Alfred Erny – *Le Psychisme Expérimental*.
- ¹⁵ *No Invisível*, por Leon Denis.
- ¹⁶ Alfred Erny – *Le Psychisme Expérimental*.
- ¹⁷ Alfred Erny – *Le Psychisme Expérimental*.
- ¹⁸ Idem, ibidem.
- ¹⁹ Idem, ibidem.
- ²⁰ Idem, ibidem.
- ²¹ Alfred Erny – *Le Psychisme Expérimental*.
- ²² Leon Denis – *No Invisível*.
- ²³ Idem, ibidem.
- ²⁴ Idem, ibidem.
- ²⁵ Falecida em abril de 1904.